

A remodelação da Imprensa Nacional

O que é essa grande organização industrial do Estado

Reportagem de
ADALBERTO MÁRIO RIBEIRO



A fachada do novo edifício da Imprensa Nacional

Prosseguindo nas minhas reportagens sobre serviços administrativos, que a *Revista do Serviço Público* vem com regularidade publicando, reservei para este número a referente à Imprensa Nacional.

Poderia ter-me antecipado de um mês, fazendo-o na edição de janeiro, logo em seguida à inauguração da nova sede do grande estabelecimento

industrial do Estado pelo Presidente Getúlio Vargas, a 28 de dezembro próximo findo.

Deixei, porém, dar tempo a que as coisas se assentassem melhor nas numerosas secções daquela repartição, possibilitando-me, assim, colher notas menos deficientes sobre seu funcionamento. Si estas, todavia, pecarem por falta de clareza, certo que só ao reporter tal senão pode

ser com justeza atribuído... E, francamente, não ha como desculpá-lo, pois acresce ainda a circunstância de ter sido êsse mesmo reporter funcionário do *Diário Oficial*, onde trabalhou durante mais de vinte anos, o que lhe permite, sem dúvida, maior facilidade em comparar as atuais instalações da Imprensa Nacional com o que existia no velho casarão da rua Treze de Maio.

Ao percorrer hoje as secções que naturalmente permaneceram no conjunto dos serviços da nova casa e que existiam, com longa tradição, no antigo

Gostaria de trazê-las para estas páginas, mas só poderiam ser bem compreendidas por alguns velhos companheiros dos bons tempos, que ainda estão servindo na repartição.

Deixo-me tocar de tolerância, nessa agradável retrospectiva, até mesmo para o que não era bom... Desculpar é, sem dúvida, suave e cômoda maneira de se ser generoso.

E hoje chego a considerar quasi deliciosas as longas noites na Revisão do *Diário Oficial*, quando a Câmara e o Senado se arrastavam na



No dia da inauguração da nova sede da Imprensa Nacional: a chegada do Presidente Getúlio Vargas.

edifício, agora em demolição, é que pude bem sentir o sopro renovador por que está passando o grande estabelecimento gráfico do país.

O contraste é realmente chocante.

Sinto que ha certo desprimor nessa comparação, pouco generosa e quasi irreverente, bem sei eu.

Toda a magnificência das instalações da nova Imprensa não me inibem de recordar, envoltas nas carícias da saudade, figuras e coisas de um passado, que para mim é quasi *presente*, tão vivo e perto está êle na minha lembrança.

votação dos orçamentos até alta madrugada, em lamentável balbúrdia, forçando-nos a esperar pelos originais horas a fio.

Linotipia, Revisão, Paginação e demais secções do *Diário Oficial* ficavam à espera da matéria que deveria compor o *Diário do Congresso*, precioso repositório da eloquência nacional...

Mas não era só isto.

Havia deputados que, abrindo o bico na Câmara, faziam também parar, automaticamente, as mesmas secções da Imprensa.

Muito ciosos de sua fama oratória, apanhavam na Redação de Debates os originais dos discursos proferidos durante o dia; iam para casa jantar e depois ao teatro e lá pelas 2 horas da madrugada apareciam, então, com toda a calma, no *Diário Oficial*, despreocupados e felizes, fumando quasi sempre deliciosos charutos... Aguardavam, refestelados no gabinete do chefe técnico, pelas provas do discurso, que novamente emendavam, refundindo-o por completo, com a introdução de outros trechos e até de apartes de aplauso, que não eram absolutamente dados, como estes: *Muito bem; muito bem. O orador foi muito cumprimentado. Palmas nas galerias* (embora estas tivessem estado vazias quando a arenga foi pronunciada...) E, como si tudo isso não bastasse, os ilustres parlamentares metiam ainda no fim da composição a ressalva cautelosa: *Este discurso não foi revisto pelo orador.*

Convinha-lhes se recomendarem bem aos régulos da Província e à camarilha manipuladora das eleições nos municípios.

Essa a situação pitoresca na mais importante secção da Imprensa Nacional.

Nas outras, que faziam obras e atendiam a encomendas das repartições públicas e que funcionavam só durante o dia, os trabalhos gráficos se arrastavam monotonamente. E estavam assim tão bem ajustados que não havia como se lhes dar ordem, vida e execução pronta. Não que lhes faltassem técnicos capazes na direção, material adequado ou espaço suficiente.

Aliás, e não é necessário que o acentue, nunca foi posta em dúvida a competência dos chefes técnicos Paquet, Pires, Loureiro, Smith ou Neves da Silva.

— Mas, então, por que não andava a Imprensa Nacional?

Porque o cargo de diretor nem sempre foi exercido por homens conhecedores dos serviços da casa. A falta de continuidade bem orientada de direção possibilitou acúmulo de erros, falhas de difícil remoção e que ainda mais se agravaram com o decorrer do tempo.

Ao tomar posse, alguns faziam promessas de encher a vista, numa desenvoltura de estarrecer a gente. Via-se depois que, no fundo, não passavam de excelentes cavalheiros: cordatos, sóbrios e de bons costumes. Outros, politiqueiros profissionais, entregavam-se a exaustivas atividades, estranhas aos interesses da repartição. Promoviam

frequentes manifestações de agrado ao Governo e desgosto aos jornais e deputados da oposição, por meio de uma aguerrida equipe de pobres e indefesos operários, que chegaram até a aperfeiçoar-se nessa nova atividade gráfica, que os punha a coberto de tolas e irritantes exigências do livro do ponto e quejandas massadas regulamentares...

De modo que a Imprensa Nacional lucrava extraordinariamente quando apanhava na sua direção aqueles cavalheiros pacatos de que já lhes falei. Os escribas da Secretaria manipulavam bem



O Dr. Rubens Porto, diretor da Imprensa Nacional

o expediente; verbas não faltavam; a Imprensa, ali no centro da cidade, uma beleza! E, depois, a importância do cargo não valia nada?

Bons tempos aqueles!

E hoje, que tristeza; como as coisas estão mudadas!

— Mas, dirão, a natural complexidade dos serviços talvez forçasse tais diretores a êsse alheamento.

E' possível. Mas, que diabo! poderiam ter um pouco de boa vontade e, no fim de certo tempo, saber quantas secções havia na casa e descobrir mesmo, si não fôsse muito penoso, a finalidade exata da Imprensa Nacional...

Poderiam.

Asseguro-lhes, com absoluta convicção, que inteligência não lhes faltava si, realmente, se dispusessem a syndicar o que faziam aqueles novecentos operários além da portaria, em seguida a um pátio silencioso, onde uma árvore frondosa se erguia com sua "cúpola oscilante", como diria

o acadêmico Pereira da Silva. E tão boa era ela que chegava até à janela do gabinete do diretor, dando-lhe deliciosa sombra, a aumentar-lhe generosamente o conforto, muito propício a uma sesta-zinha depois do almoço...

Bons tempos aqueles!

Agora ha um departamento que se mete em tudo e em toda a parte. Até mesmo numa reparação que se tornara notavel pela organização e eficiência, resultantes de métodos próprios, criados através de longos anos de primoroso conservantismo, num verdadeiro fetichismo pela tradição.

OS PRIMEIROS ESPANEJAMENTOS NA VELHA IMPRENSA

O atual diretor, ao assumir o cargo, resolveu decifrar a Imprensa, esquadrinhando-a de forma irreverente, sacudindo-lhe a poeira, em largos espanejamentos.

Técnicos especializados, estranhos inteiramente àquele ambiente de quasi museu, remexeram em tudo aquilo de *fond-en-comble*. Impunha-se essa revisão antes da mudança da repartição para sua nova sede. Sobre ela assim se expressou o Dr. Rubens Pôrto, no seu discurso perante o presidente da República :

"O aspecto fisico, o aspecto humano, o aspecto de organização foram retratados através de minuciosos inquéritos, cuja apuração já se encontra totalmente feita.

Inquérito fisico, levantámos com rigor técnico e profissional, nos edificios em que parava então a Imprensa Nacional, assinalando toda a sua instalação, em plantas topográficas muito detalhadas, inclusive com a indicação precisa de diversos serviços de utilidade pública.

Não parou por aí a análise física da Imprensa Nacional; apurámos, outrossim, todos os bens móveis da Casa : maquinária, móveis e utensílios, com um rigor absoluto e com o preenchimento de questionários minuciosos.

Quero crer, Sr. Presidente, que o levantamento ora feito e cuja atualização decorre das novas aquisições pela incorporação das demais oficinas, em tão boa hora levada avante por V. Exa., concretiza, assim, segundo afirmação pessoal, velho pensamento adquirido no trato da causa pública, quando ainda illustre Ministro da Fazenda. V. Exa. veio, assim, repetir ato idêntico do Governo, em 1889, quando a esta Casa anexou as tipografias da então Diretoria Geral dos Correios e a da Alfandega desta Capital. Aliás, Sr. Presidente, quem se dá aos cuidados, como eu tive, de ler o histórico da I.N. e os interessantes relatórios que pessoalmente estudei,

desde 1848 até a presente data, verá, Sr. Presidente, que os problemas da Imprensa Nacional não são de hoje, mesmo porque todos eles encontrei em equação nas diversas administrações que tive a ventura de percorrer, nos relatórios então lidos.

Tão somente, Sr. Presidente, nem a todos foi fadado chegar à solução dos problemas equacionados.

Mas, voltemos ao trabalho preliminar a que nos devotámos, no início de nossa administração. Outro setor existia, carecedor de estudo: tratava-se do elemento humano. A ele dedicámos grande parte da nossa atenção e do nosso carinho.

Sob o ponto de vista geral, inquirimos, numa ficha detalhada, as condições de trabalho, identificação pessoal e detalhes psicológicos de cada um.

Mas, cientes de que o homem não é só espirito, procurámos, também, objetivamente, tratar-lhe do corpo.

As condições do meio de trabalho no novo edificio preenchem, plenamente, os requisitos da hygiene industrial; as causas mais diversas, porém, inclusive as deficiências físicas dos anteriores ambientes de trabalho, necessitavam de estudo particular e por-menorizado.

Eis, Sr. Presidente, a colaboração eficiente e nunca por demais louvada, do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, que, por solicitação da Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento do DASP, auscultou, perscrutou e examinou minuciosamente todos os funcionários da administração e oficinas da Imprensa Nacional. Trabalho delicado, trabalho humano por excelência; criando na Imprensa Nacional, como criámos, a Turma de Assistência Social, procurámos dar prosseguimento aos estudos do I.N. E.P., acompanhando a cura dos doentes e prevenindo a doença nos sãos. Quero crer, sr. Presidente, que a medida que devemos a êsse espirito de cooperação que já existe na Pública Administração do País, dotou a Repartição de um elemento preciso para o soerguimento do nivel físico dos homens que nela servem.

Finalmente, o setor dos métodos de trabalho foi por nós cuidadosamente estudado; procurámos verificar, com o concurso dos homens da Imprensa Nacional, quais os métodos adequados, criticá-los com superioridade, e crear novos métodos, mais compatíveis com a época em que vivemos e com os preceitos legais que devemos respeitar".

SEDES ANTERIORES DA IMPRENSA NACIONAL

O engenheiro L. H. Horta Barbosa acaba de publicar interessante notícia histórica da Imprensa Nacional. Fê-lo em folheto, no qual insere ainda notas sobre o projeto construido e resenha das obras efetuadas, além de outras oportunas informações.

Reproduzo, *data venia*, aquí nesta modesta reportagem, alguns trechos da valiosa contribui-

ção do diretor dos Serviços de Obras do Ministério da Justiça, com o objetivo de ilustrar, de forma mais clara e precisa, ocorrências da vida daquela repartição, desde sua fundação até agora, com a construção de sua nova sede.

* "Fundada por D. João VI, a 13 de maio de 1808, funcionou a **"Imprensa Régia"**, inicialmente, no pavimento térreo da casa n.º 44, da rua do Passeio, ora demolida.

Pouco tempo depois foram as suas instalações transferidas para um velho casarão situado na rua dos Barbonos, esquina de Marrecas.

iniciada a 26 de agosto de 1874 e terminada a 31 de dezembro de 1877.

Durante esses três anos e quatro meses, as despesas com as obras atingiram a 884:404\$2 e as efetuadas com a compra e instalação de máquinas e mobiliário a 116:088\$7.

Sucessivas ampliações foram realizadas em 1902, 1905 e 1908, inclusive mais um andar construído sobre as quatro alas centrais, que antes dispunham de um pavimento apenas.

Devastador incêndio ocorrido a 15 de setembro de 1911 reduziu a escombros grande parte do edifício.

A reconstrução, procedida logo depois, conser-



Vista da parte interna da nova sede

Já sob a denominação de **"Imprensa Nacional"**, voltavam as suas oficinas, em 1823, para o prédio da rua do Passeio, de onde saíram, novamente, em 1831, para ocupar algumas salas da Academia de Belas Artes.

Depois de mais duas mudanças, das quais uma, em 1836, para o pavimento térreo da antiga Câmara dos Deputados e a outra, em 1860, para o "Liceu de Artes e Ofícios", a Imprensa Nacional foi instalada condignamente, a 31 de dezembro de 1877, no edifício adrede construído pelo Governo Imperial à atual rua 13 de Maio.

Em estilo gótico inglês, segundo projeto do engenheiro Dr. A. de Paula Freitas, foi a construção

vou, fundamentalmente, as linhas arquitetônicas anteriores, bem como a mesma solução em planta.

Para suprir a escassez de espaço, cada vez mais sensível, mormente a partir de 1930, foi uma parte do antigo Arsenal de Guerra da Ponta do Calabouço, já transformado durante a "Exposição Internacional de 1922", e, posteriormente, adaptado para a Revista do Supremo Tribunal, ocupada por algumas oficinas transferidas do edifício da rua Treze de Maio.

A situação desoladora, sob o ponto de vista técnico e higiênico, a que chegaram em 1934 as oficinas situadas no edifício principal e as dependências do Calabouço, foi atenuada durante a administração

do engenheiro-militar Viterbo de Carvalho, cujas obras de limpeza, arejamento, iluminação e reparo de instalações, tornaram possível, sem desdouro para a administração pública, aguardar a construção do novo edifício".

QUANDO SE COMEÇOU A PENSAR NA CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA SEDE

Ha cerca de quinze anos vinha se pensando em instalar a Imprensa Nacional em edificio mais amplo e adequado aos seus serviços.

O engenheiro Horta Barbosa, valendo-se da estatística, nos revela o seguinte :

"Para que se possa aquilatar o rápido crescimento dêsse serviço público, basta lembrar que o número de seus operários passou de 170, em 1877, a 551, em 1895, tendo ascendido a 904, em 1922, e a cerca de 1.600, nos fins do corrente ano.

De várias tentativas feitas no sentido de construir outra sede para a Imprensa Nacional, podemos assinalar a de 1928, correspondente ao projeto elaborado pelo professor A. Morales de los Rios Filho. Esse edificio, um belo palácio em estilo clássico, seria construido na Esplanada do Castelo. A área prevista era de 20.500 metros quadrados e o custo orçado em 10.203.000\$0".

Esclarece o Dr. Horta Barbosa que, depois do projeto Morales de los Rios, outro estudo em 1932 foi feito, visando um terreno sito à Avenida Francisco Bicalho. Era de autoria da firma E. Kemnitz & Cia., sob a orientação do engenheiro Henrique de Almeida Gomes.

Cogitou-se em 1933 de ampliar-se o velho edificio da rua 13 de Maio, com o acréscimo de novos pavimentos.

Ouvido a respeito, o Escritório de Obras do Ministério da Justiça manifestou-se contrariamente a essa ampliação, à reforma do antigo edificio do Calabouço e também à construção na Esplanada do Castelo.

Concordou, entretanto, com o alvitre de construir-se o novo prédio em terrenos do Cais do Porto, próximo à estação Barão de Mauá, da Leopoldina.

Surgiram dificuldades na ocasião.

Nada foi feito.

A ESCOLHA, AFINAL, DO TERRENO

Estávamos já em 1937.

Agora, impõe-se a transcrição de mais um trecho do trabalho do dr. Horta Barbosa :

"Nesse interim, isto é, em 1937, o Ministério da Justiça obtinha fôsse reservado pelo Dominio da União um lote de 105 x 120 metros situado na Avenida Rodrigues Alves, lote êsse ampliado, posteriormente, para 140 x 120 metros.

Para a construção que estava iminente, elaborou o Escritório de Obras do Ministério da Justiça um projeto e orçamento baseados em um levantamento e organograma das indústrias do livro e do jornal então vigentes. A orientação industrial coube ao então diretor da Imprensa Nacional, Dr. Viterbo de Carvalho, que ouviu a respeito os chefes de oficinas e, principalmente, o Dr. Ataulpa Uflacker, chefe da revisão.

O referido projeto previa uma superficie total de 25.198 metros quadrados de pisos e uma despesa de 10.320.000\$0, com a construção propriamente dita e outra de 1.500.000\$0 com a mudança e instalação da maquinária.

Posteriormente, e em obediência à lei n.º 125, de 3 de dezembro de 1935, o Exmo. Snr. Dr. José Carlos de Macedo Soares, então Ministro da Justiça e Negócios Interiores, determinou fôsem publicados editais abrindo concurso público para escolha do projeto a ser executado.

A Comissão Julgadora foi integrada pelos Srs. Drs. João Felipe Pereira, Raul Lessa de Saldanha da Gama, Celso Kelly, Viterbo de Carvalho e Luiz Hildebrando de B. Horta Barbosa, respectivamente representantes do Clube de Engenharia, da Escola Nacional de Belas Artes, Associação Brasileira de Imprensa e, os dois últimos, diretor da Imprensa Nacional e representante do Exmo. Sr. Ministro da Justiça e Negócios Interiores.

O edital foi publicado no **Diário Oficial** n.º 254, de 6 de novembro de 1937, e as atas do julgamento no **Diário Oficial** n.º 27, de 2 de fevereiro de 1938.

Foram recebidos 13 projetos, dos quais apenas 7 foram classificados para o julgamento final que, procedido logo depois, atribuiu os 1.º, 2.º e 3.º lugares aos arquitetos Anibal de Melo Pinto, Ernani de Vasconcelos e à parceria Jaziel de Cerqueira Luz e Gabriel de Queiroz Vieira, com os prêmios de 30, 10 e 5 contos respectivamente.

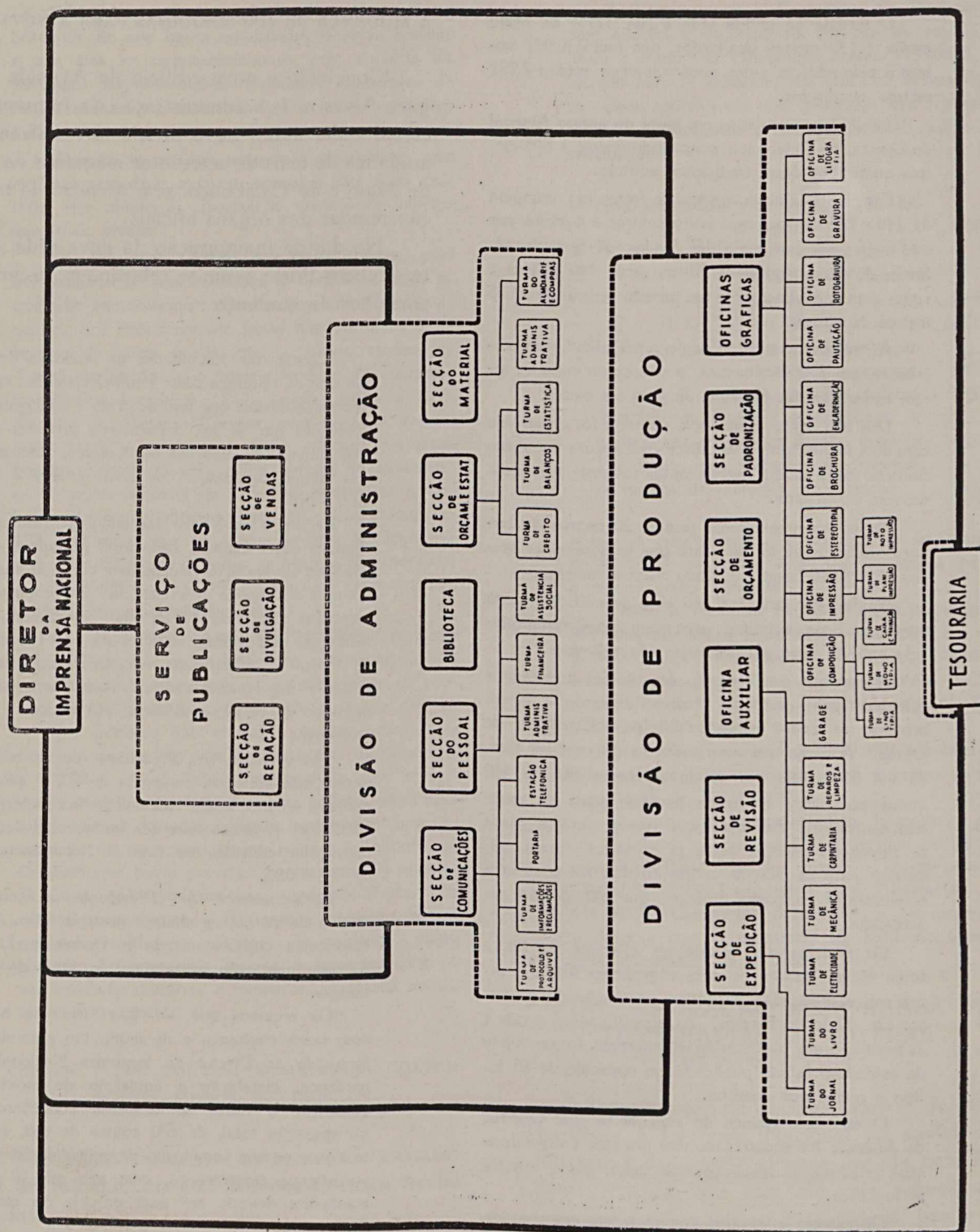
O concurso foi homologado pelo Exmo. Sr. Ministro Dr. Francisco Luiz da Silva Campos, por despacho de 7 de março de 1938".

PROJETO CONSTRUÍDO

Não pretendo fazer transcrição de detalhes técnicos sobre a execução da obra. Prefiro reportar-me à parte do projeto construido, conforme ainda relata o Dr. Horta Barbosa.

"O edificio ora inaugurado, salvo alterações introduzidas em sua divisão interna, resultantes principalmente da reorganização industrial da Imprensa Nacional, procedida pelo seu atual Diretor, Dr. Rubens de Almada Horta Porto, corresponde inteiramente

ORGANOGRAMA DA IMPRENSA NACIONAL



mente ao projeto selecionado mediante o citado concurso público.

Sabemos, por declaração verbal do arquiteto vencedor, Anibal de Melo Pinto, haver colaborado eficientemente na organização do seu projeto o malogrado arquiteto capitão Tupi Bracker.

O edifício construído ocupa 11.876 metros quadrados dos 16.800 que mede o terreno. A área total

do prédio é de 29.960 metros quadrados dos quais 15.534 correspondem às oficinas; 5.731 à administração; 5.513 à circulação; 935 ao refeitório; 1.074 aos sanitários e vestiários; 272 às casas de máquinas; 391 às três residências e 510 às paredes. Os pátios e ruas medem 5.924 metros quadrados. Com os acréscimos já previstos de 7.098 metros quadrados o edifício poderá ter futuramente 37.058 metros quadrados.

O terreno da antiga sede à rua Treze de Maio media 7.130 metros quadrados, dos quais 4.037 cobertos pelo edificio, cujos pisos somavam apenas 7.291 metros quadrados.

As oficinas instaladas em parte do antigo Arsenal de Guerra, no Calabouço, ocupavam apenas 3.605 metros quadrados dêsse tradicional edificio.

Em planta, a nova construção forma um retângulo de 140 x 120 metros, cujo pátio central é cortado por três dentes apensos à ala dos fundos. A fachada, sobre a Avenida Rodrigues Alves, mede 140 metros e conta com 4 pavimentos e um torreão central de 43,35 metros de altura.

As três outras alas do corpo retangular foram projetadas com dois pavimentos, podendo, no entanto, serem acrescidas, futuramente, de mais um andar.

Dos três dentes centrais, o do meio foi construido com dois pavimentos, e os outros com apenas um, constituindo, dêsse modo, outras tantas reservas para posteriores acréscimos.

Os pavimentos térreos medem 20 metros de largura e 6,60 de altura ao passo que os superiores apenas 17 e 4,60, largura e altura respectivamente.

Na fachada principal, no eixo do edificio, foram dispostas duas entradas para caminhos, separadas pela entrada principal destinada aos pedestres.

A estrutura em concreto armado foi projetada e calculada pelo escritório técnico "Fragoso e Ness" segundo os dados estabelecidos pelo Escritório de Obras. A carga util para todas as oficinas foi fixada em 500 quilos por metro quadrado em em 350 quilos por metro quadrado para os pisos da parte administrativa. As lages dos forros, futuros pisos de novos pavimentos desde já previstos, foram calculados para as mesmas cargas citadas, salvo as correspondentes ao corpo principal que não deverá ser acrescido.

Os projetos das instalações elétricas de luz e força foram elaborados pelo engenheiro Mário Garcez sob a graciosa e patriótica orientação do professor Dr. Dulcídio Pereira. As especificações gerais e as normas a que obedeceram os materiais, foram objeto de cuidadoso estudo publicado em opúsculo de 68 folhas e numerosos quadros.

O escritório técnico do engenheiro José Queiroz de Andrade foi encarregado dos projetos e especificações relativos às instalações de água, gás e esgotos secundários.

Os exames e estudos dos materiais empregados, bem como os pareceres técnicos necessários à orientação da fiscalização, estiveram a cargo do Instituto Nacional de Tecnologia.

O desenvolvimento e detalhamento do projeto, bem como a direção técnica e financeira das obras, couberam ao Escritório de Obras do Ministério da Justiça e Negócios Interiores, que manteve no local um corpo permanente de fiscais, sob a direção de um engenheiro arquiteto."

A MUDANÇA DE 700 MÁQUINAS PARA A NOVA SÉDE !

Concluido o novo edificio da Avenida Rodrigues Alves n. 1, a administração da Imprensa Nacional tinha agora novo problema a enfrentar : a mudança de mais de setecentas máquinas da rua 13 de Maio e do Calabouço, sem prejuízo da publicação regular dos órgãos oficiais.

No dia da inauguração da nova séde, o diretor Rubens Porto assim se referiu, em discurso, aos trabalhos da mudança :

"Ciente das dificuldades de mudança de um organismo da natureza dêsse Estabelecimento ; ciente das responsabilidades que isso acarreta e conciente das dificuldades que se me deparariam, procurei ouvir as duas únicas organizações particulares, idôneas — por isso mesmo capazes —, de levar avante a mudança da I. N.

Recorri e ouvi duas das maiores firmas do ramo, situadas nesta Capital, cada qual portadora de maior bagagem de serviços realizados e com um passado superior a dez lustros de existência. As propostas, então recebidas, em março dêsse ano, abrangendo tão somente os dois velhos edificios da rua 13 de Maio e da Ponta do Calabouço, não incluíam, nem mesmo nestes, a parte administrativa, a par da de instalações de tipos de metal, mobiliário, publicações e oficinas auxiliares.

Tão somente, Sr. Presidente, para a maquinária dêsse dois edificios, composta de 700 e poucas máquinas, as propostas, inicialmente na importância de 850.000\$0, foram, à reiterada compressão desta administração, reduzidas no final à importância mínima de 698.000\$0.

Posteriormente, Sr. Presidente, a incorporação efetiva de 16 outras oficinas gráficas, obra de Voss? Excelência, consubstanciada no Decreto n. 2.130, traria uma majoração, no mínimo, do dôbro do custo estimado.

Os recursos que V. Exa., em tão boa hora, com tanta confiança e de modo tão cativante, tinha fornecido ao Diretor da Imprensa Nacional para a mudança, instalação e aquisição de móveis, reorganização e todas as despesas congêneres, eram, na apuração total, de 800 contos de réis, insuficiente sequer para o pagamento da primeira das propostas — a mais razoavel —, uma vez que a mudança-transporte deveria ser uma parcela do total a ser despendido".

COMO O SR. RUBENS PORTO SE REFERE AOS SEUS AUXILIARES

Prossequindo, ressaltou o Sr. Rubens Porto, nesse mesmo discurso, a colaboração de seus prestimosos auxiliares, de forma que deve ser textualmente reproduzida :

"Voltei-me, então, para dentro desta Casa. Lembra-me de que havia auscultado os meus homens e que eles se responsabilizavam pelo encargo da mudança. Experimentei-os, chamando os homens de fora; estimei-os, mostrando-lhes a minha confiança e determinei-lhes que orçassem a mudança.

Homens de poucos recursos especulativos, não me souberam dizer o custo, porque a eles nada custaria essa mudança; queriam a ventura do serviço que iriam prestar.

Sr. Presidente, confio nos meus homens, porque administrar sem confiança é destruir a obra de qualquer administrador. Confiei nos nossos homens; confiei, Sr. Presidente, de modo mui particular num homem de quem quero citar o nome, síntese da Turma da Mecânica, o homem símbolo do conciente trabalhador brasileiro. Ei-lo, neste gordo e bom Antônio de Azevedo Campos, com 17 anos de valiosos serviços prestados à Casa. Confiei nos meus homens e, com ousadia, dei a partida da mudança; e, no prazo pequeno de 120 dias, realizámos o trabalho para o qual outros pediam 180. E realizámos em 120 dias tudo, não só a transferência da Imprensa como das máquinas de todas as oficinas incorporadas, a par de todos os móveis e utensílios existentes nos órgãos para aqui transferidos.

Sr. Presidente, perguntará V. Exa. o custo dos serviços, não pela explicação e intenção dolosa e maliciosa de que fora da administração se procura apurar o custo, para demonstração de que os serviços públicos são muitas e muitas vezes mais caros do que os que vêm do particular. E eu afirmo a V. Exa., com dados irresponsáveis, que a mudança da I.N., foi feita pelo seu pessoal, pago pela folha normal da administração, sem sequer a aquisição de um estranho, mesmo porque o contrato do elemento que havia previsto para o setor da mudança, para coadjuvar em sua superintendência, por motivo da necessária e burocrática adm'ssão, só foi possível na fase já adiantada da mudança; engenheiro que é, dos mais ilustres, ficámos privados do seu concurso diuturno e remunerado, embora muitas vezes aproveitado.

EM VEZ DE 1.500 CONTOS, A MUDANÇA CUSTOU
POUCO MENOS DE 180!

Não posso furtar-me ao prazer de destacar bem do discurso do Dr. Rubens Porto o trecho seguinte:

"Por conseguinte, Sr. Presidente, volto a afirmar a V. Exa. que a mudança realizada pela I.N., e cujo custo ridiculo, para o vulto da empreitada, não excede a 179:390\$, poderá representar uma economia superior a 1.300:000\$, mesmo porque a transferência total da Imprensa e Oficinas incorporadas, segundo o orçamento previsto, de acordo com as propostas recebidas, estava estimada em 1.500:000\$.

A despesa paga à Companhia de Transportes, com relação à mudança dos edificios da rua 13 de Maio e Ponta do Calabouço, custou 145:900\$, incluindo tudo lá existente, dos quais se deverá deduzir, para equivalência das propostas das firmas citadas, a importância global de 63:600\$, assim discriminada:

— custo da mudança do Arquivo da Im-	
prensa	2:000\$0
— " " " da Secção de Li-	
vros e do Arquivo	
de Jornais	3:600\$0
— " " " do Almojarifado ..	30:000\$0
— " " " da administração,	
móveis e pertences.	5:000\$0
— " " " de metal e diversos	5:000\$0
— Retirada de material e máquinas do	
edificio em construção para o depósito	16:000\$0
— Pagamento por trabalho de transpor-	
te interno de remoção e arrumação ..	2:000\$0

onde se conclue que o custo real da mudança foi de 82:390\$, ou sejam — 84,3% — menos do que o menor preço estimado.

Tendo a Imprensa Nacional gasto na mudança das suas oficinas a importância de 82:390\$ e mais 97:000\$, das incorporadas, ou sejam, 179:390\$, teríamos, pelo preço das propostas estranhas à Casa, a importância a ser paga estimada em cerca de 1.500:000\$.

Realizada a mudança por 179:390\$, a Imprensa Nacional fez uma economia, para o erário público, num total de 1.321:000\$0.

Uma amostra da razoabilidade da mudança pode ser dada com o custo particular de uma das secções mudadas. Para uma das firmas, o custo seria de 289:000\$0 (Casa Lambert) e para a outra, de 116:000\$0 (Companhia Bremensis), e, no entretanto, a despesa com o transporte foi feita simplesmente pela importância de 5:700\$0".

A INCORPORAÇÃO À IMPRENSA DE TIPOGRAFIAS DE OUTRAS REPARTIÇÕES

A incorporação de oficinas gráficas de outras repartições à Imprensa Nacional foi medida administrativa de grande alcance tomada pelo Presidente Vargas, que com ela veio praticamente confirmar o que anteriormente dissera, isto é que

"na ordem administrativa impõe-se um reajustamento, com o propósito de reduzir o custo das administrações e evitar a duplicidade de órgãos com finalidades idênticas".

Agora devo dizer à puridade que essa incorporação foi recebida com reservas em algumas

repartições, cujos diretores decerto ainda não conhecem as novas instalações da Imprensa Nacional. Prefeririam naturalmente continuar com seus serviços gráficos próprios, que lhes foram muito úteis e eficientes.

Não há dúvida.

Quem poderá negar os serviços de uma tipografia como a do Ministério do Trabalho, habilmente organizada e dirigida pelo técnico Belmiro Mendes de Freitas? E a do Ministério da Educação, sob o controle seguro do Sr. Manoel Alves de Sousa, que agora foi chamado para dirigir a Divisão de Produção da I. N.? Não posso esquecer Oscar Antônio Pereira Corrêa, mestre de tipografia da Central do Brasil, Olímpio Francisco Heitor, das oficinas do Arquivo Nacional e Edgard Medina Coeli, chefe da tipografia e redator da *Alfândega* do Rio de Janeiro.

Seria clamorosa injustiça negar-lhes competência, a esses homens esforçados e prestimosos que encaneceram ao serviço do Estado.

Mas daí consagrar-se essa dispersão de atividades e enorme dispêndio para os cofres públicos, ha uma enorme distância.

Além dessa incorporação, a atual direção da Imprensa Nacional resolveu fundir várias secções da casa, que, embora da mesma natureza, se mantinham separadas como em compartimentos estanques. E época houve em que se chegou a pensar em destacar-se o "Diário Oficial", para constituir outra repartição pública! Formavam-se correntes, nesta ou naquela administração, contra o "Diário", como si êste fôsse um corpo estranho, uma excrecência na casa.

Com a morte de Paquet essas rivalidades se acentuaram. E frequentemente ouvia isto de seus antigos auxiliares, como êsse incansavel Antônio Gomes, o velho Veado e outros:

— Si o Paquet fôsse vivo...

Prova bem expressiva, sem dúvida, da influência do chefe, enérgico e justo, sobre seus subordinados, que espontaneamente lhe rendiam homenagem pelo critério que soube sempre manter na direção técnica do "Diário Oficial".

PERCORRENDO A IMPRENSA NACIONAL

Agora que já dei notícia da penosa tarefa que foi a mudança da Imprensa Nacional, valendo-me das informações oficiais de seu diretor, de-sejo expor em seguida as notas colhidas na visita

que acabo de fazer ao grande estabelecimento gráfico.

Fui encontrar antigos funcionários de meu tempo nas mesmas funções anteriores; outros se acham chefiando turmas e alguns deles mudaram mesmo de função numa readaptação conveniente, com reais vantagens para o serviço.

Sente-se nessa medida as salutaras diretrizes das últimas reformas administrativas em execução.

Isso quanto ao pessoal. Com relação ao material mais se acentuam os traços dessa renovação.

Como se sabe, a racionalização dos serviços administrativos, orientada pelo DASP, leva na mais alta conta a entrosagem do elemento humano do trabalho com os demais fatores necessários a uma util e rendosa produção de atividades: a localização dos serviços e seu aparelhamento material. Neste último particular é que a Divisão do Material do citado departamento encontra o verdadeiro campo para suas atividades.

Quanto à Imprensa Nacional, sua interferência foi das mais proveitosas. Verifiquei nessa repartição, melhor do que em qualquer outra, a prática de medidas visando o maior conforto do pessoal e, conseqüentemente, maior rendimento do trabalho.

Aliás, não ha exagêro em dizer-se que essa verificação é *ali* mais facil e imediata, porque tudo na Imprensa foi afinal devidamente previsto e adaptado nos fins desejados.

RECREIO FEMININO

Numa compreensão muito justa da necessidade de dar aos que trabalham conforto e bem estar, a direção da Imprensa Nacional soube instalar no novo edificio, além de refeitórios higiênicos e local de recreio para seus funcionários, uma sala ampla de descanso para o elemento feminino da casa, que assim não terá a cercá-lo só máquinas e mesas de trabalho para a execução da tarefa diária na oficina ou no escritório.

As moças operárias, datilógrafas e escriturárias, à hora do *lunch*, poderão descansar um pouco, lendo revistas, ouvindo rádio ou conversar, em recinto adequado, acolhedor, longe do tic-tac das linotipos, do rodar das máquinas, da trepidação dos prelos impressores.

A intensidade da luz que se nota em toda a parte, é ali meio amortecida por leves e graciosas cortinas.

Mesas de vime, cercadas de cadeiras confortáveis estão cobertas de lindos panos bordados.

Sente-se prazer realmente nesse calmo recanto da casa, que proporciona sedutora e benfazeja acolhida.

Só um artista poderia dispor as coisas tão bem como ali se acham!

Por natural associação de idéias, quando entrei no Recreio Feminino, veio-me à lembrança recinto idêntico.

Fôra na Light, ha anos. O meu querido chefe na Secção de Contratos da Companhia Telefônica, Sr. Edgar Evetts, levou-me uma vez a visitar o refeitório e a sala de descanso das telefonistas da Estação Norte.

Como fiquei, então, satisfeito!

O Sr. Edgar Evetts não m'o disse, mas bem percebi que aquilo fôra sem dúvida por êle conseguido. E êsse homem de ação, aliás, vivia sempre voltado para coisas belas, nesse desejo espontâneo de ser útil, de ser bom.

Referiu-me êle nessa ocasião os proveitosos resultados conseguidos com o restaurante ali montado, no qual não se cobrava o pão, nem o café. E achei até graça no preço dos pratos: feijão e arroz por dois ou tres tostões, uma sopa ou qualquer outro prato também por semelhante preço. A Companhia Telefônica, com essa medida, resolveu problema sério: a suficiente nutrição de suas prestimosas auxiliares, que trabalhavam no enervante serviço de ligações telefônicas, quando não havia os aparelhos automáticos.

Hoje, não sei si ainda existe organização tão útil, de que com razão justamente se orgulhava o boníssimo Evetts!

Bem, agora, fechado êste pequeno parêntesis, insisto em falar do Recreio Feminino: a geladeira elétrica na sua brancura esmaltada, o telefone prestante, a bateria de alumínio para aquecer o café das funcionárias e até um rádio, com gôsto e moderação sintonizado, formam o conjunto das utilidades do Recreio.

Quanto ao conforto espiritual, as funcionárias, justamente beneficiadas, tiveram a delicada e simpática iniciativa de enriquecer a sala, emprestando-lhe ainda maior doçura, com a guarda protetora e sagrada da Virgem Puríssima!

.....

Conversei ligeiramente com a encarregada do Recreio Feminino, Sra. Adélia Duarte da Silva.

Um pormenor não me escapou: até na sua escolha para zeladora vislumbrava-se o dedo, a habilidade do artista que armara aquele prolongamento do lar das boas funcionárias da Imprensa Nacional. A Sra. Adélia Silva, antiga operária da Secção de Brochura, fizera assim, no fim da carreira, uma readaptação oficial inesperada ou, melhor ainda, perfeito reajustamento em funções que lhe ficam bem, admiravelmente bem!

Lida ela com as antigas companheiras de forma afetuosa; e si aparece, por acaso, uma visita, recebe-a com distinção, manifestando satisfação em mostrar-lhe o Recreio Feminino.

ASSISTÊNCIA SOCIAL

No velho edificio da rua 13 de Maio, tive oportunidade de observar, com frequência, a falta de assistência médica oficial aos operários e funcionários da casa, no longo período em que ali trabalhei como revisor do *Diário Oficial*.

A Revisão sempre foi constituída, quasi que exclusivamente, por estudantes de nossas escolas superiores, contando-se entre êles vários de medicina.

Alguns, depois de formados, deixavam as provas tipográficas e partiam para o interior afim de iniciar vida nova.

Outros, entretanto, permaneciam no cargo, preferindo fazer clínica aqui no Rio. Desdobravam-se em atividades durante o dia e, à noite, em vez de descansar, compareciam ao "batente" da Revisão.

Os revisores médicos, classificação cômoda que agora lhes estou dando, com frequência tinham que suspender a leitura das provas afim de atender a um ou outro funcionário da casa que se sentia indisposto no trabalho.

Lembro-me bem da *clínica* do Abelardo de Oliveira que, mais tarde, faleceu em Barra Mansa, no Estado do Rio.

O Abelardo deixou o *consultório* da Revisão para os Drs. Emanuel Piedade e Vitório Tornaghi, que com solicitude e boa vontade passaram a atender seus clientes certos até nos próprios consultórios da cidade, sem lhes exigir qualquer recompensa, sinão o que a boa amizade e a camaradagem da repartição proporcionavam.

Ai está um serviço que, embora não esteja registrado na fé de ofício daqueles funcionários, constitue, sem dúvida, honroso galardão, que ab-

solutamente não pode ser menoscabado. Além dos Drs. Emanuel Piedade e Vitório Tornaghi, havia ultimamente os Drs. Lopes Uflacker, Sílvio Calmon, já falecido, e René Deslandes.

Formara-se assim aos poucos, sem nenhum caráter oficial, uma verdadeira Assistência Social da Boa Vontade...

Muitas vezes os Drs. Tornaghi e Cordova Piedade, com sacrifício de interesses particulares, iam ver os *clientes* da Imprensa Nacional em suas

Disse, com certa impropriedade, *consignar* medidas. Elas não ficaram apenas no papel, como simples promessa.

Várias organizações já estão sendo instaladas visando êsse objetivo. E ainda ha pouco o Serviço de Assistência Social do Ministério da Fazenda foi montado, com escolhido corpo clínico e moderníssimo material, de elevado custo.

— E na Imprensa Nacional já se fez alguma coisa nesse sentido?



Operários em descanso à hora do "lunch"

casas em Inhaúma, Vila Proletária Marechal Hermes, Cachamby, Jacaré etc., lugares êsses que, só em lhes declinar o nome, a gente sente uma aflição, uma coisa exquisita...

Estou me reportando a êsses fatos para pôr de manifesto a ausência completa de assistência do Estado aos seus servidores.

Mas, francamente, essa displicência das administrações passadas não podia continuar.

Daí, pois, a louvável decisão do atual Governo em consignar, no Estatuto dos Funcionários Públicos, medidas de assistência aos funcionários e às suas famílias.

Já esperava por esta pergunta de meu paciente leitor.

Prosseguindo na minha visita, iniciada no terceiro andar, fui levado pelo chefe da Divisão de Administração, Dr. Brito Pereira, ao quarto andar.

— Vou mostrar-lhe agora a Turma de Assistência Social.

— Mas já ha serviço médico aqui?

— Antes da mudança, e já na administração Rubens Porto, foi êle organizado na rua 13 de Maio. Agora na nova sede, suas instalações se ampliaram naturalmente...

Nesse *naturalmente* percebi que havia um eufemismo. O Dr. Brito Pereira talvez quizesse dizer *imensamente*...

Percebi.

Ao penetrar num amplo salão, que estava recebendo os últimos retoques de uma complicada máquina de polir o assoalho, o Dr. Brito Pereira nos advertiu :

— Este recinto é o último que está faltando à Turma de Assistência Social.



Um operário recebendo curativos na Assistência Social

Eu sentia que estava *enticando* com essa história de chamar-se, a um serviço importantíssimo e de finalidade tão simpática, de *turma*.

Entiquei. Em todo o caso, nomes não importam...

De repente, eu e o Dr. Brito Pereira, nos encontramos no corredor com o Dr. Vitório Tornaghi, um dos fundadores daquela Assistência Social de Boa-Vontade de que já lhes falei. De longe divisei os Drs. Emanuel Piedade e Armando Lúcio.

Fui apresentado ao encarregado da Turma, Dr. Raymundo R. L. Fraga.

Não julgue o leitor que me enganei na denominação de *encarregado*, que é, afinal, a denominação do chefe de Assistência Social.

Talvez assim esteja registrado em algum regimento ou coisa semelhante. Como se vê, não podem ser mais modestos.

Externei ao Dr. Fraga a satisfação em ver o aproveitamento de antigos funcionários da casa na Turma de Assistência Social e fui então informado de que eram ao todo oito. E o encarregado da turma acentuou bem :

— O Dr. Rubens Porto fez questão de nos aproveitar a todos nós, antigos funcionários da Imprensa. Só eu, tenho 21 anos de casa.

A turma está assim constituída :

Dr. Raymundo R. L. Fraga, encarregado
Dr. Vitório Tornaghi
Dr. Emanuel Cordova Piedade
Dr. Armando Lúcio
Dr. Alberto Barbosa Magalhães
Dr. Edmundo de Drummond Alves
Dr. Abílio Silvério de Jesus
Dr. Israel Domingues de Oliveira
Dentista, Dr. Arthur Faveret
Dentista, Dr. Abrahão Alberto Chamis
Enfermeiro, José Zimmermann Marichal
Enfermeira, Maria Antonietta da Costa Navaes.

Visitei as seguintes clínicas da Turma: médica, oto-rino, oftalmológica, urinária e ginecológica, que estão instaladas em amplos consultórios, havendo ainda as salas de : pequena cirurgia e curativos, fisioterapia, laboratório e gabinetes dentário e de repouso, com três leitos para os casos urgentes.

Já foi encomendado todo o material de aplicação nessas clínicas, como instrumental cirúrgico, aparelhos de fisioterapia e das clínicas especializadas, de laboratório e gabinete dentário.

UM VERDADEIRO BALANÇO HUMANO

Como bem frisou o Dr. Rubens Pôrto, em seu discurso, na inauguração do edifício, foi feito verdadeiro balanço humano com os exames rigorosos a que foi submetido no I.N.E.P. (Biometria Médica) todo o funcionalismo da casa.

Conseguido o resultado geral desse inquérito, as fichas de exame de saúde foram devidamente catalogadas e guardadas em envelopes apropriados, em arquivos adequados.

Esse inquérito foi o ponto de partida de uma organização que, diariamente, se vai enriquecendo com exames subsequentes dêsses mesmos antigos funcionários e com os dos novatos e transferidos de outras repartições. Ainda agora acabam de ser incorporados ao quadro da casa os operários e funcionários das tipografias que a Imprensa Nacional chamou a si, por decisão do Governo. São ao todo 600!

Todos êles estão passando pelo necessário exame médico, que nestes últimos dias vem se estendendo das 8 da manhã às 10 da noite!

Os exames que foram inicialmente realizados no I.N.E.P. serão repetidos todos os anos pela Turma, que orienta os operários doentes no seu tratamento.

Vão ser organizados programas de conferências médicas para os operários, tendo sido já algumas dessas dissertações realizadas no velho edifício da rua 13 de Maio pelo Dr. Noredino Coelho Cintra.

O Dr. Raymundo Fraga creou uma *Cader-neta Sanitária*, que é minucioso repositório de informações de toda a vida patológica de cada funcionário da Imprensa.

Os médicos não fazem só o serviço diário nas clínicas a que já me referi.

Ha uma escala de visitas domiciliares, que se estendem aos mais distantes subúrbios, conforme constatei por um grande mapa afixado à parede.

Cada visita feita é assinalada por um alfinete vermelho.

E o mapa, assim marcado, torna-se muito interessante.

A *pipocar* por toda a zona suburbana, os sinaizinhos vermelhos sobem e descem morros e aparecem até em Vigário Geral, nos limites do Estado do Rio.

No mapa são graciosos. Parecem confetti.

Agora, um pouco de reflexão: trezinho da Linha Auxiliar, Leopoldina ou Rio Douro. Calor horrível. Poeira. O médico salta na estação e, com maleta de serviço, "mete o pé na estrada" disposto a descobrir a casa do doente. E, olhe lá, chega ele a ficar satisfeito si não é assaltado pela cachorrada no meio do caminho.

Realmente tudo isso não deixa de ter seus encantos pelo lado pitoresco e pelo imprevisto...

No fim, a síntese graciosa e viva do alfinete vermelho a nos encantar a vista no mapa vistoso.

FORAM-SE AS PROMESSAS...

Estavam nas culminâncias da casa, ha dezenas de anos.

Indiferentes a tudo, não se aproximavam nem mesmo dos diretores.

Como homens antigos, austeros até na indumentária, sempre se mantiveram discretos, silenciosos, não se metendo na política das administrações.

Mas um dia cederam, transigiram, saindo daquele retraimento quasi secular. Como recompensa, um diretor, velho e experimentado político, prometeu-lhes posições ainda mais *altas*, rendosas promoções e, possivelmente, mais do que isto: o céu também.

Aliás, era facil fazer tais promessas, quando não havia o DASP para atrapalhar o funcionamento da máquina eleitoral.

E os veneráveis figurões se acham agora meio melancólicos, como se pode ver por êste instantâneo, em que o reporter os espreita, na-quele recanto do segundo andar do novo edificio da Imprensa Nacional.

Os funcionários da casa dizem que não cessam êles de queixar-se do ludibrio em que caíram e estão vendo se podem agora descansar definitivamente no Museu-Exposição da Imprensa, ao lado de outras preciosidades... Antes, porém, desse recolhimento voluntário, o reporter conseguiu ainda ouvi-los nos seus queixumes. Quanto a Guttemberg, limitou-se êle a baixar a cabeça, deixando que seu companheiro de infortúnio falasse...

MUSEU — EXPOSIÇÃO

No terceiro andar, ao lado do Gabinete do Diretor, encontra-se o Museu-Exposição da Imprensa Nacional.

Fui visitá-lo.

Ali está o Presente ao lado do Passado.

Ha perfeita harmonia nas coisas assim expostas, que se completam absurdamente na sua apresentação paradoxal... E o interessante é que, quanto mais se distanciam no tempo, mais atraentes se tornam.

Uma grande *maquette*, que logo se destaca na brancura de seu gesso, reproduz, permitindo-nos facilmente dominá-los, todos os pavilhões da nova sede da Imprensa Nacional. No seu interior, em graciosas miniaturas, vêm-se enfileiradas as li-

notipos, as mesas de trabalho etc., tudo, enfim, de fôrma precisa e fiel na reprodução.

Que *brinquedo* bonito!

Um operário da casa é o miniaturista daquele mundo de coisas.

Pouco distante da *maquette*, um prelo arcaico, belo exemplar da mecânica antiga. Data sua fabricação, na Inglaterra, de 1833. Prestem bem atenção : 1833!

Veneravel.



Uma entrevista em que Guttenberg preferiu não falar...

Trabalha, brincando...

Estava êle tão distraído na brincadeira, montando uma das tais linotipos, que nem me percebeu entrar na sala.

Mesmo ao leigo em assuntos mecânicos a peça se revela naturalmente preciosa e... rara.

E depois, com aquele condor estapafúrdio trepado em cima e uns altos relevos complicados

à guisa de enfeite, é de se lhe fazer até uma curvatura...

— Sim, senhor, os meus respeitos... Sim senhor!

Mas, com sinceridade, sinto que um sorriso irreverente nem de longe pode ser esboçado.

Seria uma heresia.

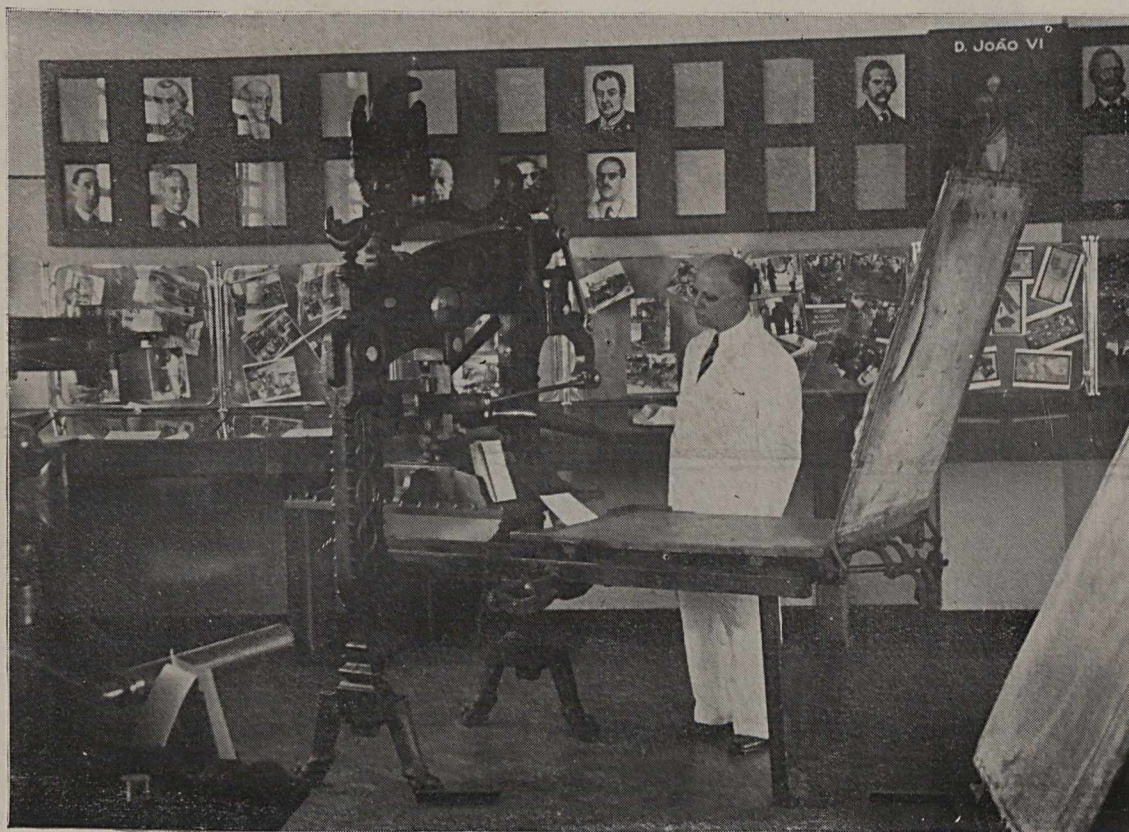
O Sr. Raul de Sousa Gomes, encarregado do Museu e também da Biblioteca, me advertiu do valor da peça, coisa, aliás, que nem de longe poderia pôr em dúvida.

Só aquele condor, quanto não valia?

Mais adiante, outro prelo, de fabricação francesa e datado de 1852.

E' também manual e trabalhou bem até agora. A seu lado, uma plani-impressora Marinoni, adquirida em 1894 pela Tipografia da Alfândega e recentemente incorporada às oficinas da Imprensa. Custou nos bons tempos 7:949\$0. A princípio era movida à mão, depois a vapor e ultimamente à eletricidade.

Num ângulo da sala, venerável relógio em alta coluna envidraçada, alonga-se pelo pêndulo abaixo, num vai-vem pachorrento e silencioso.



Um prelo que constitui preciosíssima reliquia do Museu-Exposição e com o qual trabalhou Machado de Assis, quando operário da Imprensa Nacional.

Mas de repente fiquei sério de verdade. Compreendi a grande significação do prelo manual, grosseiro e antiquado.

Penitenciei-me do quasi pecado cometido.

Em pequeno cartaz li isto:

"Machado de Assis, quando operário da Imprensa Nacional, exerceu sua atividade neste prelo de 1856 a 1858".

E' nobre e inconfundível no seu trabalho secular, pois tem apenas 108 anos de regular atividade na Imprensa Nacional e ainda não caiu na compulsória. Ao contrário: está todo concho, rebrilhante, como que possuído da grata satisfação de marcar o tempo naquele lugar de coisas mortas...

O visitante do Museu-Exposição, que disponha de tempo e vagar, poderá descobrir entre

as obras impressas, nos primeiros anos de existência da Imprensa Régia, trabalhos interessantes, manancial riquíssimo para estudo da vida carioca nos tempos coloniais.

Um Sr. Manoel Vieira da Silva resolveu em 1808 oferecer valiosa contribuição ao estudo de assuntos de higiene da época, publicando um livro em que enfeixa penetrantes observações e judiciosos conselhos, de tal forma expressos que mereceram a graça de cuidada publicação em livro, na Imprensa Régia.

Esse trabalho, por excesso de preciosidade, figura com certo destaque numa das montras do Museu.

Eis o frontispício da obra :

REFLEXÕES
SÔBRE ALGUNS
DOS
MEIOS PROPOSTOS
POR
MAIS CONDUCENTES
PARA
MELHORAR O CLIMA
DA
CIDADE
DO
RIO DE JANEIRO

IMPRENSA RÉGIA — 1808

Não vou transcrever todas as reflexões do erudito Sr. Manoel Vieira.

Apanhei apenas algumas pepitas de ouro, num peneiramento apressado da obra, de riqueza incomparavel, sob vários aspectos :

“Prologo

As moléstias, que tem grassado no Rio de Janeiro, e que têm sido tão funestas a muitos dos seus habitantes, merecerão o Paternal cuidado de S.A. o Principe Regente N.S. para mandar indagar, quais fôsem as causas proximas, ou remotas das doenças dêste país; que opiniões tinham tido sobre este objeto os Medicos, que por diversas vezes tinham sido consultados; e por que meios poderão ser removidos, ou ao menos diminuidas na maior parte essas mesmas causas. Ordenou ao seu Fisico Mór, que dissesse por escrito o que pensava sôbre esta materia, para assim excitar as Pessoas instruidas a fazerem publicos

os seus sentimentos, e apurar-se pela discussão hum artigo, que todo se dirige para bem dos Povos; a bondade innata do mesmo Senhor o considera ser muito do Seu Serviço: ao mesmo tempo deo as Suas Reaes Ordens pela Intendencia da Policia para se principiarem aqueles trabalhos, que não admittissem duvida para este importantissimo fim. Esta he a razão da pequena Memoria que agora se publica, e quando ella não desempenhe o fim a que se dirige, basta que convide os mais Sabios, e intelligentes para dizerem cousas melhores, que postas em execução, dellas tire o Publico as vantagens, que tanto são para desejar”.

O Sr. Manoel Vieira era modesto, como se vê, e muito bem intencionado. Fez escola desde 1808, pois ainda agora a mui leal e nobre cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro tem defensores incansaveis, que não ficam nada a dever, até mesmo no estylo, ao autor das *Reflexões*...

Depois do *Prólogo*, êstes pedacinhos, que são muito agradaveis :

“Todos conhecem que o ar quente e humido ataca o solido vivo, mudando a acção natural dos vasos cutaneos, e de todas as membranas, que por elle podem ser tocadas; taes são os do estomago, do canal intestinal, e dos Orgãos da respiração; donde fica evidente sobre a maquina animal”.

“Os animaes, e vegetaes do Brasil necessitam dos soccorros da Arte, para continuar a vida nos differentes lugares da Europa; ha logo alguma cousa de particular na sua constituição”.

“A Cidade do Rio de Janeiro não chega a ter hum oitavo de legoa na sua maior extensão; e se intentassem o distendella, como de necessidade hade acontecer, quantos edificios não ficarião ao abrigo dos montes, como acontece em Lisboa? E seguindo o systema de os demolir, quantas as difficuldades, e quaes seriam as consequencias?”

O Sr. Manoel Vieira era contra o desmante do morro do Castelo. Naturalmente o Sr. Carlos Sampaio não chegou a ler as reflexões dêsse higienista dos bons tempos coloniais. Si o tivesse feito, a colina graciosa, de certo, estaria ali firme ainda hoje para gáudio dos conservadores e tradicionalistas...

Quanto a trabalhos de impressão, que mundo de coisas curiosas e interessantes se encontra no Museu-Exposição!

Impossível, mencioná-las todas :

— O decreto que instituiu a Imprensa Régia, datado de 13 de maio de 1808.

— Obras antigas em cujos frontispícios se lêem os diferentes nomes que tem tido a repartição : Tipografia Nacional, Imprensa Régia e Imprensa Nacional.

— O frontispício e a capa do *Livro do Mérito*, com o decreto que o instituiu e o respectivo regulamento.

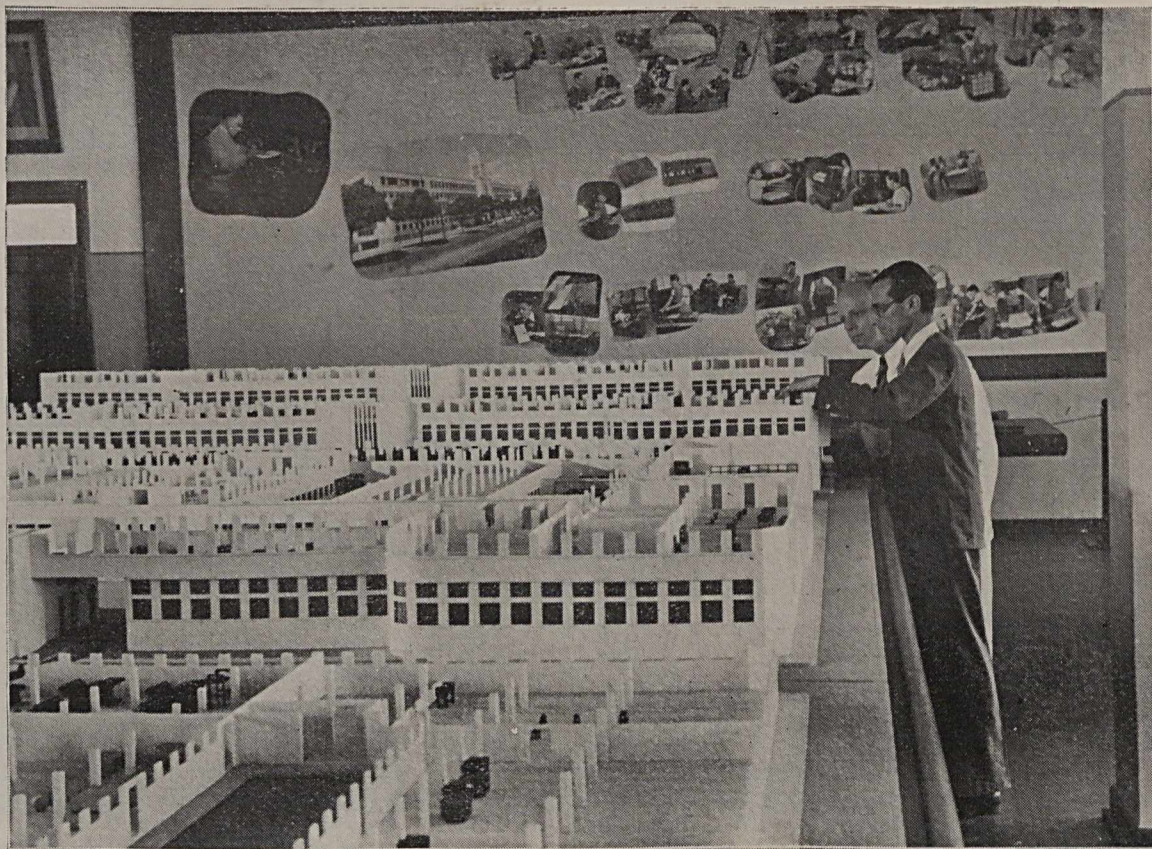
— *Arquivos de Medicina Legal e Identificação*.

— *Arquivos do Manicômio Judiciário do Rio de Janeiro*.

— *Arquivos Penitenciários do Brasil*.

— *Boletim do Conselho Federal do Comércio Exterior*.

Em outro mostruário, vê-se uma coleção de medalhas-prêmios conquistadas pela Imprensa Nacional em várias exposições. Ha ainda outra co-



Um aspecto do Museu-Exposição, vendo-se a "maquette" da nova sede da Imprensa Nacional e, ao fundo, a fotomontagem das diversas fases por que passa um decreto, desde sua assinatura pelo Presidente da República até a publicação no "Diário Oficial".

— Coleção de leis, em formato padronizado, ao lado de trabalhos idênticos, de 1934, de apresentação diversa, variando da cor ao tamanho.

— Boletins do Pessoal de todos os ministérios.

— As seguintes revistas editadas atualmente pela casa : *Revista do Serviço Público* ; *Engenharia*, da Escola Nacional de Engenharia (antiga Escola Politécnica); *I.R.B.*, (revista do Instituto de Resseguros); *Revista Brasileira de Música* (da Escola Nacional de Música).

leção de medalhas de bronze com efígie de D. Pedro II, Deodoro, Floriano, Prudente de Moraes, Campos Salles, Rodrigues Alves, Afonso Pena, Nilo Peçanha e Hermes da Fonseca.

Algumas das primeiras obras editadas em 1808.

Numerosos jornais encadernados.

O *Verdadeiro Liberal*, periódico político, editado três vezes por semana, de 1826 em diante, nas Tipografias Imperial e Nacional.

O *Patriota*, "jornal literário, político e mercantil do Rio de Janeiro", editado em 1813 na Imprensa Régia.

Ha ainda, impressos, tratados internacionais entre o Brasil e a Inglaterra sobre o tráfico de escravos e questões comerciais.

O primeiro número, em 1824, do atual *Diário Oficial*, que se chamava *Diário Fluminense*, órgão oficial do Governo do Império.

O *Diário Oficial* nas suas três fases.

Fac-simile da Constituição de 1892 com a assinatura de todos os constituintes.

Clichês em bronze e aço, de gravuras feitas na Imprensa Nacional.

Ocupando toda uma parede, estende-se uma nítida fotomontagem da publicação de um decreto. Primeiro a assinatura do ato pelo Presidente Vargas e depois o original, com sua passagem por diversas secções da Imprensa Nacional

Pessoa, o Diretor da Imprensa, Dr. Castelo Branco, o chefe técnico Alberto Jayme Smith etc.

BIBLIOTECA

Como disse, é também encarregado da Biblioteca o Sr. Raul de Sousa Gomes, que teve a gentileza de acompanhar-me na revista que fiz às estantes, peçadas de livros de direito, legislação, medicina etc.

Muito bem conservada, alinha-se a coleção completa do *Diário Oficial*, a partir de 1824.

O órgão oficial já teve os seguintes nomes :

Diário Fluminense

Correio Oficial

Gazeta Oficial

Diário Oficial, a partir do dia 1.º de outubro de 1862.



Vista parcial da Biblioteca

até chegar à grande máquina impressora, na qual o *Diário Oficial* já está rodando, e, finalmente, a distribuição.

Próximo ao grande relógio, num quadro, está um instantâneo da inauguração, em 1922, das primeiras linotipos da Imprensa. Aham-se presentes o Presidente da República, Dr. Epitácio

Coleções de leis do Brasil de 1808 até agora. Anais do Parlamento Brasileiro, de 1823 a 1937.

Relatórios de todos os ministérios, desde o Império.

O Sr. Raul de Sousa Gomes me adiantou que a Biblioteca já se acha franqueada ao público,

devendo, dentro em breve, ser ampliada com a aquisição de livros de literatura, revistas, etc.

Sua organização obedece à mesma orientação que é dada à Biblioteca do DASP, que é modelar.

O diretor da Imprensa Nacional resolveu fazer manter duplicata de todas as obras que forem sendo recolhidas à Biblioteca, medida essa que o Sr. Sousa Gomes encareceu pela segurança que oferece na manutenção das coleções expostas, sem possibilidade de qualquer claro mais tarde.

ASSISTÊNCIA CULTURAL

Observa-se na Imprensa Nacional a preocupação do cumprimento exato de todos os dispositivos do Estatuto dos Funcionários Públicos da União, no sentido do aperfeiçoamento e bem-estar de seus servidores. Esses dispositivos preveem as seguintes organizações :

- I — um plano de assistência, que compreenderá a previdência, seguro, assistência médico-dentária e hospitalar, sanatórios, colônias de férias e cooperativismo ;
- II — um programa de higiene, conforto e preservação de acidentes nos locais de trabalho ;
- III — cursos de aperfeiçoamento e especialização profissional ;
- IV — cursos de extensão, conferências, congressos, publicações e trabalhos referentes ao serviço público ;
- V — centros de educação física e cultural para recreio e aperfeiçoamento moral e intelectual dos funcionários e de suas famílias, fóra das horas de trabalho ;
- VI — viagens de estudos ao estrangeiro e visitas a serviços particulares de utilidade pública, para especialização e aperfeiçoamento.

Nesta reportagem já tive oportunidade de tratar dos magníficos e bem organizados serviços de Assistência Social, do Recreio Feminino, Museu-Exposição e Biblioteca.

Na ala central do grande edifício foi instalado amplo refeitório com capacidade para 700 pessoas sentadas. Está ele equipado de modelar cozinha para o serviço alimentar dos operários

da I. N. e é ladeado por dois espaçosos recreios, guarnecidos de alto-falantes, ligados ao rádio colocado no refeitório e de mesas para "ping-pong", xadrez, dominó, etc. Além desses dois recreios, destinados exclusivamente aos homens, ha o Recreio Feminino, já descrito linhas atrás.

Quanto aos cursos de aperfeiçoamento e especialização profissional, a direção da Imprensa está resolvida a promovê-los sem demora e, daí, crear a Assistência Cultural, cujas instalações já estão prontas, constituídas pelo Museu Profissional, Sala de aulas teóricas sobre assuntos de arte gráfica e Sala de Desenho.

No Museu Profissional vêem-se, para estudo, máquinas desmontadas, esquemas de construção e estudos gráficos para o aperfeiçoamento de produção.

SERVIÇO DE PUBLICAÇÕES

Uma das primeiras secções que visitei foi o Serviço de Publicações (S.Pb.)

Dirige-o o Dr. Murilo Ferreira Alves, antigo redator do "Diário da Justiça", e depois redator chefe da Imprensa Nacional.

O S. Pb. é constituído por três secções : Redação, Divulgação e Vendas.

Constatei assim que a antiga Redação do Diário Oficial foi extinta. Creou-se o novo Serviço, que constitue uma das mais importantes secções da casa.

REDAÇÃO

E' seu chefe o Sr. Euclides Deslandes, antigo revisor do "Diário Oficial". Nela todos os originais destinados à composição dos órgãos oficiais são cuidadosamente revistos, quanto à natureza da publicação, títulos etc. Aprecia-lhes a secção o mérito para a divulgação na íntegra, na forma do que dispõe o decreto-lei n.º 1.705, de 27 de outubro de 1939.

A tarefa dos redatores exige cuidados especiais, porque ainda não se compreendeu bem entre nós a finalidade exata da divulgação oficial. Ha tempos, o Serviço de Publicações expediu a todas as repartições públicas uma circular, chamando-lhes a atenção para os dispositivos claros do referido decreto-lei n.º 1.705 e essa providência deu bons resultados que, com o decorrer do tempo, podem ser ainda maiores.

E o Dr. Murilo Alves me levou, em companhia do funcionário Roberto Cabral, ao Arquivo, onde me mostrou pacotes de originais, cuja divulgação não era de qualquer utilidade prática para a administração. O chefe do S. Pb. acentuou :

—E' preciso ter-se sempre em conta o custo elevado do papel, da mão de obra e do material tipográfico. E pode-se fazer economia sem sacrificar-se absolutamente a eficiência, o objetivo da publicação, que deve conter-se em limites adequados, convenientes. Hoje, também, está normalizada a saída dos órgãos oficiais, que são distribuídos no mesmo dia às repartições públicas e aos particulares, pelo correio, na distribuição matinal seguinte.

SECÇÃO DE DIVULGAÇÃO

Dirige-a o Dr. Marcelo Castelo Branco, antigo redator do *Diário Oficial*.

Ha hoje serviços na Imprensa Nacional que revelam, só em mencioná-los, a transformação completa por que passou a repartição.

Lembro-me do que era antigamente a Redação do *Diário Oficial*, que, apesar da importância que devia ter pelos encargos que lhe foram atribuídos, vivia *encostada* numa saleta, junto ao saguão, arrostando quasi sempre a má vontade de certos diretores da casa, os quais não a prestigiavam devidamente. E diz-se mesmo que, à falta de que fazer, a tarefa de seus dois ou três redatores limitava-se ao registro diário, em protocolo, do expediente entrado na redação e a trabalhos aquém de suas possibilidades. E nas demais divisões da casa, foi-se formando aos poucos conhecido pouco lisongeiro desses funcionários.

Sabia, entretanto, quanto havia de injusto nessa apreciação. Sinão, vejamos :

Creado mais tarde o *Diário da Justiça*, o redator Dr. Murilo Ferreira Alves foi nomeado para dirigi-lo. Sua atuação foi tal que lhe permitiu galgar pôsto ainda de maior relêvo, como o que agora ocupa de chefe do Serviço de Publicações.

O Dr. Rubens Pôrto sabe distinguir os bons elementos da Repartição. Haja vista o aproveitamento de Silvio Cardoso na chefia da Linotipia ; Platão de Azambuja, na Revisão ; Dr. Ataulpa Uflacker, na Padronização, Dr. Raymundo Fraga, na Assistncia Social, Anísio Contreiras e Aristides Costa e outros bons funcionários, cujos nomes não me ocorrem no momento. Êste registro,

faço-o isentamente, sem a preocupação de enfileirar nomes, de ser agradável a pessoas conhecidas.

A Secção de Divulgação trata do preparo dos originais para coleções de leis, inclusive da feitura dos respectivos índices. Organiza o e mentário de legislação federal, no qual os decretos e decretos-leis vêm classificados por ordem numérica e por assuntos.

Prepara ainda, fazendo remissão a toda a legislação citada, os avulsos dos decretos que, pelos assuntos que regulam, estão destinados a uma grande procura. Todas essas edições são acompanhadas de índices alfabéticos e remissivos.

Várias têm sido as codificações organizadas pela Secção de Divulgação, sendo de ressaltar dentre elas as seguintes : *Lei de Sociedades por ações ; Segurança Nacional ; Código do Processo Civil ; Código Penal ; Fiscalização Cambial ; Decreto-lei n.º 2.308, de 13-6-40*, que dispõe sobre a duração do trabalho em quaisquer atividades privadas ; *Decreto-lei n.º 2.505, de 19-8-40* etc. etc.

Iria longe si fôsse mencionar todas as publicações já organizadas pelo Dr. Castelo Branco e seus auxiliares.

Está em dia a publicação em volumes de toda a legislação federal de 1940, com os decretos na íntegra.

Hoje, na coleção de leis, não se verificam saltos de numeração de decretos.

Quando, por exemplo, um decreto não é publicado nessas edições em livro, o ato não deixa de ser registrado na ementa, com a nota esclarecedora do motivo por que não se o faz na íntegra.

Todas as edições do Serviço de Divulgação estão padronizadas. As capas apresentam aspecto perfeitamente uniforme, o que lhes dá feição agradável.

Ha uma publicação interessante que o Serviço de Publicações idealizou e que, dentro de pouco tempo, deve merecer atenção especial de estudiosos da legislação pátria.

Refiro-me às *Folhas Soltas*. E' uma espécie de recorte de decretos de carater administrativo, estilizado, permita-se-me dar-lhe esta denominação, em papel cartolina, o qual pode ser colecionado aos poucos até à formação de verdadeiro livro. No tôpo da página, em letras vermelhas, a natureza da matéria. *Abertura de crédito*, por exemplo. À esquerda, a *série* e no pé da página o *Diário Oficial* em que foi publicado o decreto.

Para efeito dessa publicação foi a matéria dividida em 10 classes, sendo 9 para os Ministérios e 1 para os Departamentos. Por sua vez, cada Ministério é dividido em tantas sub-classes quantas são suas dependências.

Um exemplo : Ministério do Trabalho.

- I — Trabalho
- II — Indústria
- III — Comércio
- IV — Imigração
- V — Estatística

Os próprios ministérios estão de tal forma interessados na manutenção desse gênero de divulgação dos atos administrativos que lhes dizem respeito, que vêm fazendo, com uma espontaneidade muito expressiva, sugestões no sentido do aperfeiçoamento cada vez maior das *Folhas Soltas*, quer nas sub-classes, quer no tocante às suas denominações.

E o reporter, diante de tal organização, ficou justamente admirado.

Os serviços do Dr. Murilo Alves e dos seus auxiliares imediatos Euclides Deslandes, Marcelo Castelo Branco e Aguinaldo de Freitas são, de fato, reveladores desse espírito de cooperação, dessa vontade de bem servir, de trabalhar no sentido de um aperfeiçoamento cada vez maior da produção da Imprensa Nacional.

SECÇÃO DE VENDAS

E' dirigida pelo Dr. Aguinaldo de Freitas.

Já tive ensejo de ressaltar o acerto da escolha de antigos funcionários da casa para dirigir os serviços remodelados. Mas ha elementos novos, transferidos de outras repartições para a Imprensa, que confirmam também essa habilidade.

Os Srs. Aguinaldo de Freitas, Renato Moraes, José Alves Corrêa são funcionários que compreenderam com tal facilidade a natureza dos serviços das secções em que foram servir, que o Dr. Rubens Pôrto os elevou à chefia das mesmas.

O Dr. Aguinaldo de Freitas é um desses novos elementos.

Agora, o que apurei na minha reportagem na sua secção :

Antigamente, a venda de publicações da Imprensa Nacional era feita exclusivamente pela Te-souraria, em cujos *guichets* podiam ser adquiridas pelo público.

Pelo decreto-lei n. 641, de 22 de agosto de 1938, foi o diretor da Imprensa autorizado a promover a distribuição das suas edições por meio de revendedores, aos quais concede descontos arbitrados pelo diretor.

Essa medida foi amparada pelo DASP e constitue, assim, o princípio de organização atual da secção, que procura, seguindo método comercial, dar um aspecto prático à venda das edições da Imprensa Nacional.

Baseado nesse princípio, foi creado primeiramente o Serviço de Publicidade que foi substituído pela Secção de Encomendas, *ex-vi* do decreto-lei n.º 1.714, de 28-10-39.

Verificando a atual administração que, segundo as disposições acima, o objetivo precípua das vendas não vinha sendo satisfeito convenientemente, propôs de maneira expressa no regulamento da Imprensa Nacional a criação da Secção de Vendas.

Assim, por uma organização adequada, visando o desenvolvimento de suas arrecadações, a atual direção procura assegurar uma atividade proporcional aos seus meios, diminuindo a parte relativa às despesas gerais. Mais ainda : não bastando uma boa organização interna, mas sendo necessário crear serviços especiais de natureza comercial, de modo a promover uma quantidade maior de solicitações da clientela, por um processo de *pesquisas de vendas* tem a nova secção procurado *descobrir* o cliente, dando-lhe a conhecer as edições e tornando-as desejadas e apreciadas pela sua atualização.

Hoje a Imprensa Nacional vende as suas edições em todo o Brasil, com representações em Pôrto Alegre (Star); S. Paulo (Eclética); Minas (Livraria Francisco Alves); Baía (Livraria Progresso); Recife (Camilo Costa & Cia.); Fortaleza (Edésio de Albuquerque) e Distrito Federal (Livraria Civilização).

No saguão do Ministério do Trabalho está funcionando um posto de vendas, estando outro em estudos para o Fôro.

ASSINATURA DOS ÓRGÃOS OFICIAIS

A atual administração conseguiu dotação orçamentária para o registro das assinaturas dos órgãos oficiais expedidos às repartições públicas, o que representa uma vitória de organização e do controle das edições dos mencionados órgãos.

E' facil imaginar que, registradas independentemente de empenho anual, mediante simples pedido, muitas vezes essas assinaturas continuavam a ser remetidas até para repartições ou serviços públicos extintos...

Foi então, nesse sentido, que a Imprensa Nacional, com o apôio do DASP e mediante exposição de motivos ao mesmo, conseguiu a solução definitiva do assunto evidenciada no anúncio que, em diversas páginas, se lê diariamente no "Diário Oficial".

ASSINATURAS DOS ORGÃOS OFICIAIS

Aviso às Repartições Públicas

A Diretoria da Imprensa Nacional, tendo solicitado a inclusão, no orçamento para 1941, de dotações orçamentárias próprias, afim de atender ao pagamento de assinaturas dos órgãos oficiais, avisa às Repartições Públicas em geral que devem providenciar a reforma de suas assinaturas, "durante o mês de janeiro próximo futuro"; por intermédio das Secções de Contabilidade dos Ministérios a que estejam subordinadas.

A inobservância da solicitação acima acarretará a suspensão das assinaturas, a partir de 1.º de março de 1941.

OS CONCURSOS DO DASP E A PROCURA DE AVULSOS DA LEGISLAÇÃO

Mantendo sempre em dia a publicação de separatas de decretos-leis e outras de importância administrativa, é interessante observar-se, na ocasião dos grandes concursos do DASP, a procura que as mesmas têm de parte dos seus candidatos.

Quando foram abertas as inscrições para o concurso de oficial administrativo, intensificou-se a venda, na Imprensa Nacional, das referidas separatas. O resultado só da venda desses folhetos num mez foi de 20:000\$0!

Só isto é a melhor demonstração da excelência dos métodos atuais que a Imprensa Nacional vai seguindo para a divulgação da legislação federal.

As *Folhas Soltas* ainda não constituem objeto de renda, mas pelos elementos de que a Imprensa Nacional já dispõe serão elas, dentro em pouco fonte segura de contribuição aos cofres públicos.

A venda dos órgãos oficiais na rua não existia anteriormente.

Hoje é ela de cerca de 15:000\$0 por mês. A de números atrasados produz, no mesmo periodo, 5:000\$0 e a de obras varia de 8 a 10 contos.

A Eclética, de S. Paulo, acaba de recolher aos cofres da Imprensa Nacional 40:000\$0 de assinaturas dos órgãos oficiais tomadas naquele Estado.

COMO O DIRETOR RUBENS PÔRTO ENCARA O MOVIMENTO DE PUBLICAÇÕES

O Dr. Rubens Pôrto no seu discurso perante o Presidente da República, no dia da inauguração do novo edificio, assim se referiu às publicações da Imprensa Nacional:

"No setor das publicações oficiais, não só se normalizou a hora de saída dos órgãos oficiais diariamente distribuidos às repartições públicas no mesmo dia e, aos particulares, pelo correio, na distribuição matinal seguinte, como temos levado a efeito a publicação, num carater comercial o mais eficiente possível. A criação das "Folhas Soltas", cujo êxito excedeu, em muito, a perspectiva da administração e a venda das separatas e das coleções, por assunto, da legislação brasileira, têm, Sr. Presidente, de forma surpreendente correspondido às atividades dos homens desta Casa.

Presentemente, posso afirmar a Vossa Excelência que fatos inéditos se vêm verificando, tal como a vendagem total das edições das Coleções de Leis.

Publicadas, com grande oportunidade, na primeira quinzena do mês subsequente ao trimestre vencido, foram pela vez primeira, segundo apurámos pelo estudo que fizemos, esgotadas duas edições de Coleções de Leis, no próprio ano da sua impressão. A criação do "Ementário da Legislação Federal", cujos números desaparecem com a mesma rapidez com que são postos à venda, vem afirmar que existe campo para as atividades divulgatórias da Imprensa Nacional."

SECÇÃO DO PESSOAL

Como toda grande organização de trabalho, conta a Imprensa Nacional com uma Secção de Pessoal, subordinada à Divisão de Administração, e que é constituída de três Turmas: Administrativa, Financeira e de Assistência Social.

O chefe, Dr. Renato Morais, embora novato na casa, exerceu anteriormente cargos de direção no Ministério da Justiça, de onde foi transferido para a Imprensa Nacional. Foi secretário das Escolas Sete de Setembro e João Luiz Alves, tendo sido diretor interino desta última.

Perguntei-lhe porque *turmas* em vez de *secções*, conforme se referiu às subdivisões dos serviços que dirige.

— À primeira vista pode parecer que ha certa impropriedade nessa denominação de *turmas*, quando na verdade se trata de verdadeiras secções, como as dos Serviços do Pessoal dos Ministérios.

Mas são assim denominadas para que seus nomes não se confundam com o da própria Secção do Pessoal, que possivelmente mais tarde poderá ser transformada em *Serviço*. O atual regimento da Imprensa Nacional é o início de normas definitivas na organização da casa.

TURMA ADMINISTRATIVA

O encarregado é o Sr. José Alves Corrêa.

Nessa turma está sendo feito o levantamento de assentamentos, faltas, descontos de sêlo e de contribuição para a Caixa de Aposentadoria e Pensões da Imprensa Nacional, de todos os funcionários e extranumerários desde as respectivas nomeações.

Esses assentamentos alcançam funcionários e operários das oficinas tipográficas dos Ministérios da Viação, Justiça, Educação, Fazenda e Agricultura, num total de seiscentos.

Quando o Dr. Rubens Pôrto assumiu em fevereiro de 1940 a direção da Imprensa Nacional, havia na casa 795 funcionários e 205 extranumerários.

Em dezembro do mesmo ano contava com 757 no quadro efetivo e 251 no de extranumerários.

A turma organiza e mantém em dia a "Lista de Antiguidade de Funcionários", competindo-lhe estudar e opinar nos casos de admissão, distribuições, melhoria de salário e dispensa de extranumerários. Cabem-lhe ainda outros encargos, que seria exaustivo citar aqui.

TURMA FINANCEIRA

O encarregado é o Sr. Anísio Contreiras, antigo revisor da Imprensa.

Compete a essa turma expedir ordens de adiantamento e de pagamento e analisar as devidas comprovações, bem como fazer o empenho das despesas; controlar os boletins de frequência; providenciar e realizar o pagamento do pessoal; fazer a escrituração dos créditos e apurar o custeio do pessoal, etc.

Os 1.459 funcionários da Imprensa em exercício estão registrados em 11 livros.

Nove desses livros, de 150 páginas, para os funcionários titulados, e dois com 250 páginas, para os extranumerários.

Cada página, que é encimada com o nome do funcionário, registra-lhe a vida no que diz respeito aos seus vencimentos, descontos e consignações, bem como no que se refere à sua assiduidade, gozo de licenças, férias etc.

Todos os funcionários titulados recebem vencimentos por uma única folha e os extranumerários por quatro.

TURMA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL

E' objeto de notas que estão registradas noutra parte desta reportagem.

SECÇÃO DE ORÇAMENTO E ESTATÍSTICA

Chefia-a o Sr. José de Sousa Mota Júnior.

E' constituída de 3 turmas: Crédito, que tem como encarregado o Sr. João de Maria; Balanços, Silvio Cunha; e Estatística, Aguinaldo Navarro.

A apuração da renda industrial da Imprensa Nacional é organizada na Turma do Balanço e enviada à Contadoria, onde é feita a escrituração por dois funcionários da Imprensa Nacional.

Os orçamentos de todos os trabalhos feitos na casa, na secção competente da Divisão de Produção, depois de remetidos à de Orçamento e Estatística, são aí escriturados.

As guias de encomendas de qualquer trabalho, preparadas que sejam na Divisão de Produção, também são remetidas para a Secção de Orçamento e Estatística, que conclue os cálculos feitos, isto é, acrescenta-lhes o lucro industrial e faz o respectivo expediente.

O orçamento da despesa da Imprensa Nacional para o corrente exercício eleva-se a 22.412:000\$0, devendo a receita, resultante da produção geral da casa, superar essa importância.

Aliás, não é demais acentuar que a renda do estabelecimento é recolhida diariamente ao Banco do Brasil.

Até agosto de 1940 pode se dizer que praticamente não se fez estatística na Imprensa Nacional. Com a criação da Turma de Estatística, devidamente equipada com maquinaria moderna, será apurado o custo de mão de obra e elaborada a estatística referente ao pessoal que trabalha nas oficinas e também a que concerne à produção.

bem como a contabilização mecânica do estabelecimento.

DIVISÃO DE PRODUÇÃO

A exemplo da Divisão de Administração, a de Produção, que é dirigida pelo Sr. Manuel Alves de Sousa, tem os escritórios no corpo principal do edifício, parte fronteira à rua.

Além dos auxiliares que trabalham junto ao Sr. Alves de Sousa, ha ainda, logo em seguida, as secções do Orçamento e de Padronização, pertencentes à mesma divisão, que é constituída, conforme organograma que me foi mostrado, das seguintes dependências: Secção de Expedição, Secção de Revisão, Oficina Auxiliar, Secção do Orçamento, Secção de Padronização e Oficinas gráficas.

Por sua vez, as Oficinas gráficas, a Secção de Expedição e a Oficina Auxiliar se desdobram em outras tantas oficinas e turmas, que perfazem o total de 21!

Embora tendo em muito boa conta a resistência e a incrível paciência de meu generoso leitor, afirmo-lhe desde já que não vou passar para esta reportagem tudo quanto vi na Imprensa Nacional, mesmo porque a *Revista do Serviço Público* não pode deixar suas páginas inteiramente à discrição do velho reporter...

SECÇÃO DE ORÇAMENTO

Agora vou conversar com o chefe, o Sr. Aristides Carlos da Costa, sobre os seus serviços, passando para aquí em resumo o que me disse:

— A antiga Secção de Preparação, creada em 19 de maio de 1932, foi transformada em Secção do Orçamento. Cabe-lhe a tarefa de organizar o levantamento do custo de qualquer encomenda e determinar as prescrições técnicas de sua composição.

Qualquer obra, particular ou official, está sujeita a orçamento.

A Secção de Orçamento é de importância capital para a casa, cuja receita industrial é por ela prevista, sendo posteriormente submetida à Contabilidade, onde os orçamentos sofrem um acréscimo dos lucros industriais com a aplicação de porcentagens já estabelecidas em lei, isto é, 15% a 35%, a critério do diretor.

Para os orçamentos particulares, que são pagos à vista, é bem menor esse acréscimo, no qual é incluída a taxa de 2%, de previdência.

Para ter-se idéia da lisura e correção desses orçamentos, basta que se diga que os mesmos são feitos por profissionais especializados, com conhecimentos teóricos e práticos das artes gráficas.

Muitas vezes uma encomenda modesta passa por três e quatro mãos afim de se lhe dar o devido preço de custo.

A secção tem uma tabela de preços para encomendas de 500 a 10 mil exemplares, de qualquer modelo previsto pela Instrução n.º 1 do DASP. Mas, à revelia dessa tabela, o serviço de cálculo é sempre feito, não com o objetivo de fugir-lhe às determinações, mas, bem ao contrário, para *ratificá-las* e ao mesmo tempo educar os serventuários da secção na tarefa que lhes cabe, aprimorando-lhes, assim, os conhecimentos na matéria, que exige prática constante e ininterrupta.

De agosto de 1940 até agora tem aumentado o número de encomendas particulares, muito embora não seja objetivo da Imprensa Nacional fazer concorrência ao comércio da praça.

Em 1939 o número de orçamentos organizados foi de 3.393 e em 1940 atingiram a 5.000.

Quanto a 1941, em dias de janeiro, haviam sido feitos 600, prevendo-se que no decorrer deste ano subam a 20 mil.

O Sr. Aristides Costa ressaltou o cuidado especial que exige a organização de um orçamento, a começar pelo papel que, pelo seu custo elevado, muito encarece a encomenda. Daí, pois, haver em todos os setores da Imprensa Nacional quasi obsessão na economia do papel.

Hoje, mais do que nunca, a produção exige material escolhido, mão de obra cuidada e apurado gosto artístico, como, aliás, se vem observando em todos os trabalhos da Imprensa Nacional.

A média de orçamentos organizados por dia é de sessenta, os quais percorrem todas as secções técnicas.

A chefia da Secção do Orçamento está providenciando para que não lhes falem técnicos competentes para execução de seus trabalhos. Os efetivos, mesmo que sejam assíduos, não podem deixar de faltar nas férias, como nos casos de doença.

Por isso é que o Dr. Rubens Pôrto achou por bem dotar a secção de elementos auxiliares capazes de substituir os efetivos nas suas faltas.

E essa aprendizagem, feita com vagar e segurança, é ministrada pelos serventuários antigos, guias indispensáveis desses futuros técnicos gráficos.

A Secção do Orçamento tinha a princípio 5 funcionários e hoje conta com 18.

SECÇÃO DE PADRONIZAÇÃO

Ha tempos o Governo creou a Comissão Permanente de Padronização, composta dos Srs. João Carlos Vital, presidente, Viterbo de Carvalho, Rafael Xavier, Cerqueira Lima e Abadie de Faria Rosa, considerando então "que nenhum critério de uniformidade preside à aquisição do material destinado ao uso das repartições e serviços públicos federais". Ressaltou ainda que "além de indiscutíveis vantagens de ordem geral, grande economia será conseguida mediante a padronização do referido material".

A referida comissão, que se reunia na Imprensa Nacional, conseguiu padronizar 56 modelos de fórmulas, envelopes, folhas de pagamento etc., sendo escolhidos ainda os tipos, também uniformizados, desses impressos.

Mais tarde a Divisão do Material do DASP tomou os encargos da Comissão de Padronização, que foi afinal extinta.

Seria interessante e oportuno si pudesse fixar nesta reportagem os grandes serviços do DASP nessa tarefa, que prosseguem naquela sua Divisão. Por agora desejo apenas tratar do que se conseguiu na parte relativa a material de expediente.

O Dr. Atualpa Lopes Uflaker, antigo chefe da Revisão do *Diário Oficial*, foi requisitado pelo DASP, onde trabalhou na Divisão do Material, conseguindo aí padronizar os livros de expediente, de imensa variedade de tipos para o mesmo fim, com a cooperação de vários funcionários das repartições interessadas. Essa padronização foi de tal ordem que, às vezes, um único livro modelo veio substituir centenas de outros, de apresentação e formatos diferentes, apesar de todos eles visarem a mesma finalidade.

E o Dr. Uflaker mostrou-me o novo livro de Registro da Dívida Ativa (Cobrança Executiva) usado na 2.^a Secção da Alfândega, em formato de 0,22 x 0,33, com 100 páginas, enquanto que o antigo, tinha cerca de 0,60 x 0,80 e 600 páginas, e era de tal peso que só com esforço podia ser manuseado.

Havia verdadeiros livros mastodontes de 2,40 até 3,00 metros de comprimento quando abertos! Hoje se acham os mesmo reduzidos a livros de 40 centímetros de página, leves e econômicos.

Os tais mastodontes ainda são encontrados na Recebedoria do Distrito Federal, nas Delegacias Fiscais, nas Alfândegas etc. Com o tempo, porém, serão aos poucos substituídos pelos novos modelos. O Dr. Lopes Uflaker conseguiu esse resultado com visitas frequentes a essas repartições, cujos funcionários, com solicitude e boa vontade, ofereceram-lhe valiosa colaboração, estabelecendo-se assim completa identidade de vista em semelhante tarefa.

Na impressão de um livro especializado não pode haver omissões, que nem sempre podem ser corrigidas.

Pois bem, si essa tarefa foi exaustiva, esta outra, consequente de incorporação de tipografias oficiais à Imprensa Nacional, é bem maior, de muito mais vulto, acentuou o Dr. Atualpa Uflaker.

O reporter percebeu então, pelos impressos que havia em cima da mesa desse técnico, que por aí já estavam fazendo padronizações *mirins*, à margem e bem distantes de uma obra de conjunto perfeita.

A Imprensa Nacional não pode consagrar fórmulas e impressos que ainda comportem simplificação na redação e muitas vezes redução de tamanho, o que, aliás, é importante pelo lado de economia e de presteza de execução.

A Secção de Padronização estava no momento estudando as fórmulas empregadas na Central do Brasil, Correios, Ministério da Agricultura etc.

Apreciando-se devidamente esse trabalho é que se pode julgar das reais vantagens da padronização.

Si não a fizesse, a Imprensa Nacional teria necessidade de muito maior número de máquinas e de operários.

O Dr. Lopes Uflaker assim se referiu aos trabalhos da extinta Comissão Permanente de Padronização:

— Ainda se pode bem apreciar o acervo de trabalhos da Comissão de Padronização pelo que então conseguiu, entre outras coisas, com os envelopes usados nas repartições públicas. Quanto ao formato, a variedade era de 500! Em relação a dizeres e côres, excediam de mil. E foram todos reduzidos apenas a 4 tipos!

Cartões para comunicações, esses, então, ficaram reduzidos apenas a 1 só tipo, e eram de milhares também.

Agora a Secção de Padronização da Imprensa Nacional prossegue nesse trabalho, com suas vistas voltadas especialmente para o acervo recebido da produção proveniente das várias tipografias anexas a repartições públicas, reafirmou o Dr. Lopes Uflacker.

Só a Central do Brasil e os Correios e Telégrafos oferecem centenas de fórmulas, que comportam simplificação, antes que sejam reimpressas novamente para formação de estoques.

A composição das fórmulas que estão sendo padronizadas é toda feita em caixa e sempre no tipo *Brasil*, designação moderna do antigo tipo da Fábrica Frentimod, de S. Paulo, e que se distribue por diferentes tamanhos e aspectos, mas sempre guardando a linha característica.

Feita a composição de um impresso qualquer, atende-se ao primeiro pedido; imprime-se quantidade sempre maior para fazer estoque, afim de se atender prontamente a pedidos futuros. A *chapa* é depois conservada ou na sua composição original ou então em bloco estereotipado.

A Secção de Padronização foi creada pelo Dr. Rubens Pôrto e, no entanto, ha muito deveria existir na Imprensa Nacional.

VISITA AS OFICINAS

Deixando o edificio central, desci às oficinas afim de observar de perto a organização industrial da casa. Acham-se instaladas a distância conveniente dos escritórios, que, assim, não lhes sentem a trepidação das grandes rotativas, o ruido incessante de centenas de prelos, linotipos, etc. que se encontram montados nas tres alas laterais, de enorme extensão, e que fecham aquela imensa área da Avenida Rodrigues Alves. Impossivel registrar nesta reportagem as atividades de todas elas. Limitar-me-ei, portanto, às que pude percorrer.

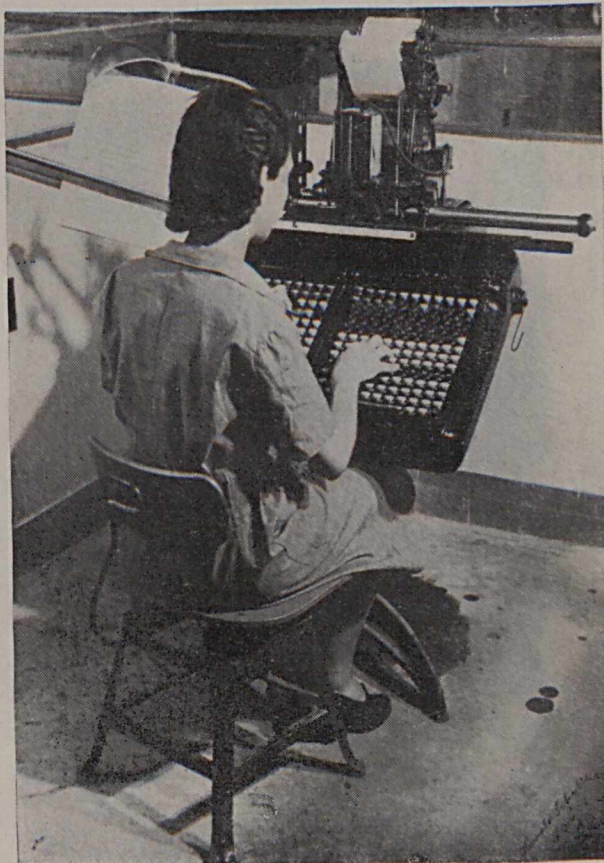
Fui primeiro à

COMPOSIÇÃO

O Sr. Francisco Wlasek Filho foi-me guia precioso na visita que empreendi com satisfação a uma oficina que, na velha casa da rua 13 de Maio, se me tornara familiar, pois se achava bem contigua à Revisão.

Quando havia secção noturna na Câmara, os revisores de vez em quando davam uma escapada afim de ver si o *buraco* esta fechado, isto é si no *guichet* da mesa do paginador os originais das longas discursseiras já haviam sido todos *lambidos* pelas linotipos.

Si não me engano, a *tarefa* de cada operador era então de 381 linhas e o excedente pago por linha. Sendo assim, havia muita animação... To-



Teclado da monotipo

dos os linotipistas "*tocavam p'ro pau*", visando, é claro, maior produção e, consequentemente, recompensa adequada. E assim, formou-se uma equipe de *braços*, à cuja frente se encontravam o Armstrong, o Senna, o Conceição, a quem chamavam de *Raspadeira*, porque o homem pegava qualquer original, sem a preocupação de saber si era duro ou não. Não queria perder tempo. Os menos ligeiros, mas, sem dúvida, também esforçados, eram chamados *Sarrecos* ou *Jockeis da Morte*, expressões pitorescas da gíria tipográfica.

Sempre tive impressão de que qualquer entrave aos trabalhos de composição, seja ela feita na caixa, na linotipo ou na monotipo, que possa

prejudicar financeiramente o artifice, não deve ser sequer imaginado. Toda composição precisa ser rápida: o tempo é, sobretudo em tipografia, preciosíssimo.

Não é de mais que ressalte, nesta minha modesta reportagem, a operosidade dos linotipistas

quinas de pautar e uma guilhotina trabalham continuamente

— Esta máquina, que recebemos da Tipografia da E. F. Central do Brasil, é uma beleza: pauta, risca e imprime ao mesmo tempo, disse-me o Sr. Wlasek.



Secção de fundidoras de monotipos

do "Diário Oficial" do meu tempo. Entre eles se destacava o José Domingues de Oliveira, que levou para a Imprensa dois filhos. Orientava-os devidamente no trabalho e na vida, obrigando-os a estudar fora das oficinas, com o objetivo de vê-los prósperos e felizes. Um deles é hoje capitão do Exército. No dia em que terminou o curso militar, os operários se cotizaram e ofereceram-lhe a espada de oficial. O outro, trabalhando sempre na Imprensa, fez-se médico e está agora no Serviço de Assistência Social da casa.

O velho reporter, quando escreve, está sempre com o passado de tal forma presente, que chega a desviar-se um pouco das coisas modernas da Imprensa, objeto desta reportagem.

.....

Antes de percorrer o recinto da oficina de composição passei pela Pautação, onde 12 má-

No Arquivo de chapas, *paquets* e blocos padronizados e estereotipados revelam o volume da produção da Imprensa.

A Composição da Caixa, de que é encarregado o Sr. Ferreira Mendes, é de extensão que espanta!

Estranhei que, na época da linotipo, ainda houvesse margem para utilização tão ampla das caixas.

O Sr. Wlasek, com paciência, perdoando-me a ignorância, me pôs a corrente dos grandes serviços das caixas na confecção de trabalhos de expediente das repartições públicas, os quais, pela sua natureza, não devem ser compostos em linotipo, de emprêgo mais rendoso nas linhas corridas.

Na Imprensa Nacional ha atualmente 850 caixas!

Todas são inteiramente novas, em *edição correta e aumentada*, pois o Sr. Wlasek introduziu-

lhes modificações de enorme vantagem para o tipógrafo : cada caixa recebeu mais 50 caixotins novos, o que evita ao artífice perda de tempo em apanhar material distante, como se observa com os modelos antigos. A própria estante em que assenta a caixa recebeu também novas divisões para depósito de entrelinhas, lingotes e guarnições, de um lado ; do outro, ha ainda novo depósito e este para barbante, material estragado, etc. Atrás de cada estante, ficam duas mesas para receber as chapas prontas.

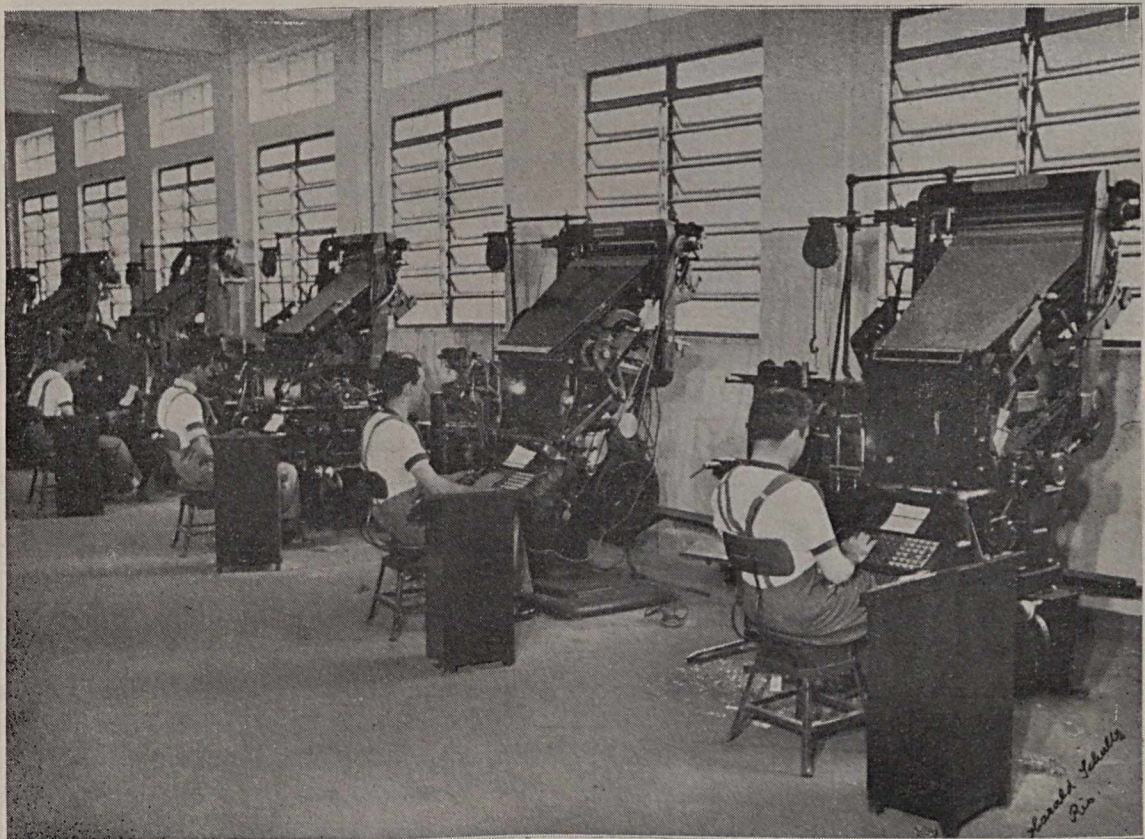
Essas estantes, bem como as mesas para *paquets*, foram mandadas construir pelo Dr. Rubens Pôrto.

Vê-se em cada estante uma placa esmaltada com o nome do artífice, sua classe e diária.

Na Paginação, ainda sob a direção do encarregado Ferreira Mendes, e orientação técnica do sr. Tarquinio Antonio Rodrigues, que é também o técnico da turma de caixa, achava-se a produção das linotipos e monotipos, na parte de revistas, livros e folhetos.

Uma das oficinas mais interessantes da Composição é, de certo, a das monotipos.

Cada teclado está em recinto envidraçado. O operador mantém-se, assim, isolado no seu trabalho, que exige realmente muita atenção. A monotipo, nessa parte, produz uma fita perfurada como si fôsse a de uma pianola ou realejo. Depois o rôlo dêsse papel, que fica cheio de orifícios, é levado para as fundidoras, complemento natural das monotipos e de apresentação bem mais complicada.



Algumas linotipos da Secção de Composição

Numa dessas placas li : 3\$333 e noutra ... 23\$333.

Não gostei. Fiquei triste. Estranhei a disparidade.

O Sr. Wlasek me adiantou que o Dr. Rubens Pôrto, em portaria da véspera já havia baixado instruções sobre o assunto.

Enquanto o teclado funciona com ar comprimido, as fundidoras trabalham com ar, gaz, água e força.

Entrei nessa oficina, mas saí logo.

Um calor horrível e o ar viciado não convidavam a longa permanência em tal recinto, todo fechado.

Vão ser colocados ali 17 exaustores. Os operários atualmente só trabalham cinco horas nessas máquinas fundidoras, que, vistas à distância, são muito interessantes. De perto, derretem a gente... A instalação anterior, na rua 13 de Maio, era menos *confortável*, e os operadores trabalhavam 8 horas.

Ha atualmente 18 teclados e 21 fundidoras. O jogo dessas duas máquinas custa cerca de 100:000\$0.

O Sr. Nestor Leal é o encarregado da oficina, tendo o Sr. José Manoel Pinto como técnico.

Já havia caminhado apenas 120 metros — o comprimento dessa parte do edifício. No ângulo com ala idêntica, tem o Sr. Francisco Wlasek a



Impressora automática das mais rápidas e própria para as grandes tiragens

sua mesa de chefia, de onde se pode ver facilmente como são extensas, extensíssimas as duas alas.

Na oficina em que iam agora entrar funciona o serviço de desmontagem de *paquets* de livros e revistas, seguindo-se enfileiradas as 92 lino-

tipos, que têm como encarregado o Sr. Silvio dos Santos Cardoso.

Esse técnico trabalha valendo-se de recurso próprio, natural, que não se esgota nunca e que, ao contrário, aumenta sempre, dando-lhe margem à formação de adequado ambiente, que lhe possibilita excelente colaboração dos auxiliares : é o seu imenso estoque de bom humor.

ROTOGRAVURA

Na Imprensa Nacional não havia rotogravura. Hoje, essa secção, pelo que observei demonstradamente, está destinada a grande atividade, logo que sejam montadas todas as suas máquinas, que vieram da famosa *Revista do Supremo Tribunal*.

Já se acham montadas duas máquinas de formato grande, duas de formato pequeno e uma rotativa para revistas e jornais.

Ao lado dessas máquinas estão instalados equipamentos de galvano para galvanizar os cilindros ; e câmaras frigoríficas para gravação dessas peças, com temperatura e umidade controladas. A temperatura entre 18 e 21° e a umidade entre 65 e 80%.

Pertence à Rotogravura uma secção fotográfica com duas máquinas, sendo uma de 0,90 x 1 metro e outra de formato menor, para trabalhos comuns.

Os fotolitos são preparados em três salas, sendo duas câmaras escuras. Uma com uma máquina centrifugadora ; outra com uma prensa de cópia, com luz, e ainda outra para revelação em tintamentos das chapas.

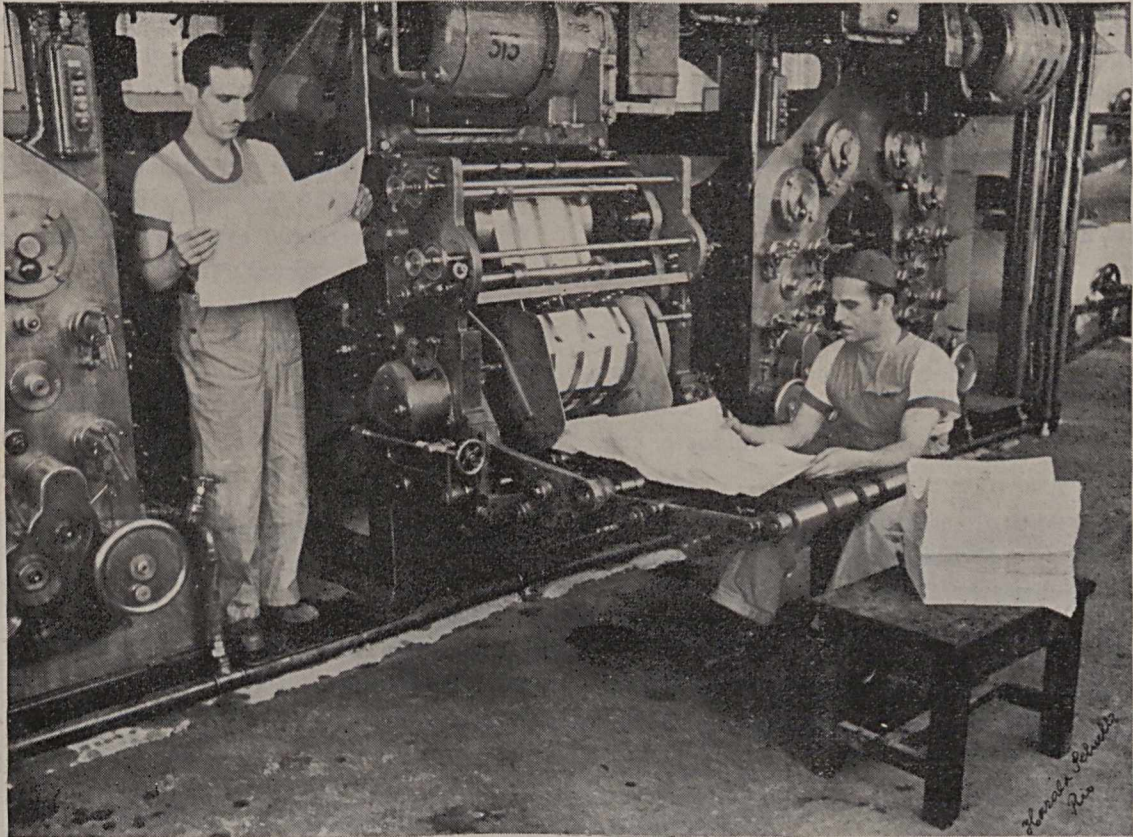
O Sr. Carlos Alves de Sousa, chefe da Secção de Rotogravura, adiantou-me que os fotolitos serão feitos no processo de "off-set" gravados, o mais moderno, que veio substituir o processo de albumina, já abandonado em impressões finas.

A Rotogravura está dotada de pessoal de competência reconhecida nos meios gráficos, tendo o Sr. Alves de Sousa feito referências especiais ao seu assistente-técnico de rotogravura, Sr. Luiz Santos, que veio da Lito-Tipo-Guanabara Limitada, onde exerceu as funções de chefe da rotogravura. O Sr. Luiz Santos, também trabalhou em Pimenta de Melo & Cia. e no O *Cruzeiro*.

Uma notícia auspiciosa para os que, como eu, se interessam pela Imprensa Nacional : o grande estabelecimento gráfico vai trabalhar em roto-

gravura a côres, que no Rio de Janeiro não está ainda suficientemente divulgada. O Sr. Luiz Santos ressaltou, com viva satisfação, que essa espécie de rotogravura é uma das coisas mais belas das artes gráficas.

isto é, a reprodução de trabalhos que era feita em pedra passou a ser em zinco. Mais tarde esse mesmo transporte deverá ser feito em chapas de alumínio, que dão melhor impressão e são mais resistentes.



A impressão do "Diário da Justiça" na grande Marinoni

Fazem parte também da nova secção duas máquinas de talho doce e duas de relêvo branco para papéis timbrados do Governo. Vi, impressos agora na Rotogravura, cheques de valor, a 5 côres, para os Correios, numa tiragem de um milhão!

Saí satisfeito da nova oficina da Imprensa Nacional, que se acha enriquecida assim de novos recursos que lhe permitem brilhante situação entre os grandes estabelecimentos industriais do Estado.

LITOGRAFIA

E' uma das oficinas mais antigas da casa. E' seu chefe o Sr. Oscar do Vale Loureiro, que tem como assistente técnico o Sr. Silvio Segnorelli.

Trabalha-se ali com máquinas planas, adotando-se processos modernos de adaptação do zinco nas mesmas. Assim, o transporte litográfico,

Enquanto em zinco pode-se fazer uma tiragem de cerca, por exemplo, de 50 mil exemplares, no alumínio excederá em muito essa quantidade e sempre com maior nitidez. Aliás, o alumínio já é ha muito empregado em oficinas do Governo, como a do Serviço Geográfico do Ministério da Guerra, no Morro da Conceição.

A Litografia da Imprensa vem fazendo regularmente o "Anuário do Observatório Astronômico", cujos trabalhos são muito importantes pela sua delicadeza e complexidade.

Os cheques do Correio, a que já me referi linhas atrás, são feitos também com a colaboração da Litografia. Os títulos de caução na Recebedoria do Distrito Federal, Tesouro e Delegacias Fiscais e cheques do Banco do Brasil são impressos na referida oficina. Êsses cheques, trabalha-

dos com arte, são de confecção muito apurada, afim de evitar falsificação.

GRAVURA

Como a anterior é também muito antiga essa oficina, que tem como chefe o Sr. Fernando da Silva Ramos. Na rua 13 de Maio ocupava área diminuta: um terço talvez do espaço atual. Está melhorada com as máquinas recebidas da antiga *Revista do Supremo Tribunal*, sendo que algumas delas ainda se achavam encaixotadas.

Anteriormente empregava-se nessa oficina o processo de chapa úmida, isto é, preparada no momento. Agora se adota o de *films* e emulsão, aliás, os mais modernos.

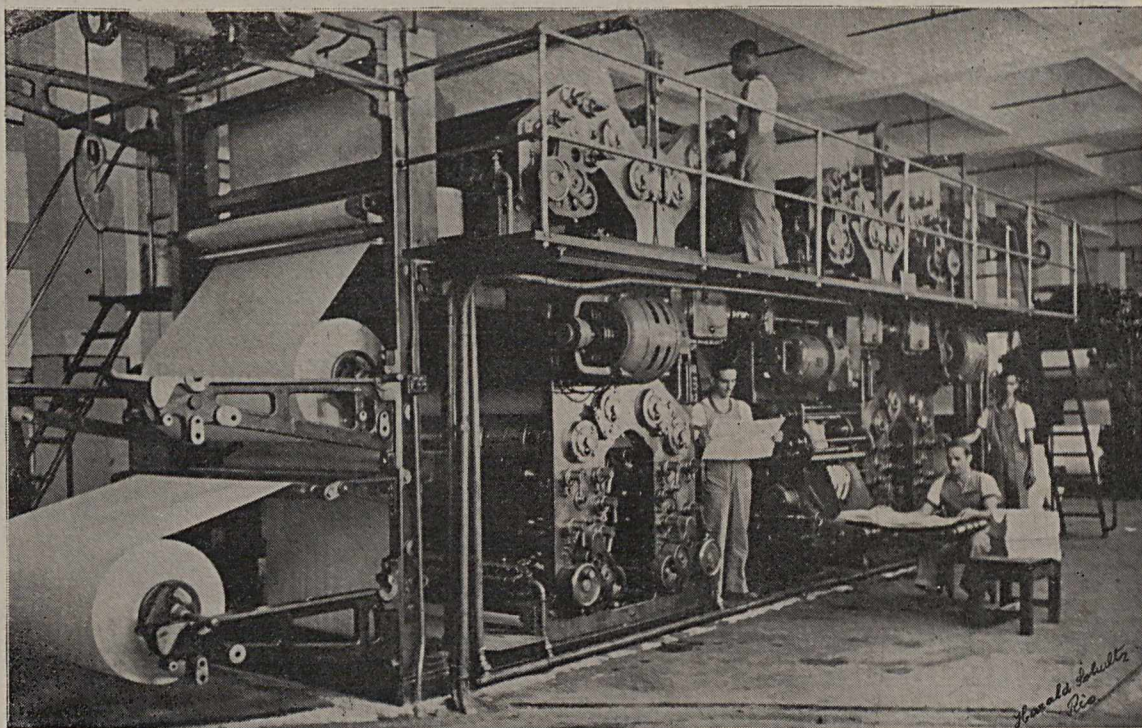
São estes os artífices da Gravura: desenhistas-litógrafos, gravadores de metal e fotografa-dores. Nela se fazem clichês em zinco, cobre e aço. Os técnicos da Gravura são retraídos e, em-

os fazia indiferentes ao que se passava em torno. E' apreciavel o volume de produção da Gravura, que vem preparando clichês para a *Revista do Serviço Público*, revista *I.R.B.*, *Boletim do Serviço de Águas e Esgotos*, *Memórias do Instituto Osvaldo Cruz*, *Boletim do Ministério da Agricultura* e para o Instituto Histórico, Museu Nacional, Instituto de Biologia Animal e também todo o material em relêvo para os Ministérios.

O Ministério da Aeronáutica, no mesmo dia de sua instalação, recebeu as fórmulas de expediente normal e as de uso no gabinete do Ministro, em papel timbrado, em alto relêvo, o que é, sem dúvida, demonstração expressiva da excelente organização da Imprensa Nacional.

IMPRESSÃO

Fiquei meio atordoado quando cheguei ao meio da Impressão. Máquinas de todos os feitios



Ultima rotativa Marinoni adquirida pela Imprensa Nacional

bora façam trabalhos interessantíssimos, não gostam de falar.

Quando entrei nessa oficina tive impressão de que penetrava num laboratório científico. Aban-cados às suas mesas, os desenhistas-litógrafos estavam inteiramente absorvidos na sua tarefa, que

e tamanhos rodam sem cessar. Umas fungam ruidosamente a demonstrar esforço, muito esforço; outras, rodam cilindros em série e devoram o extenso lençol de papel das bobinas, que ali ficam insignificantes como se fôsem simples carretéis de linha. E operários de *macacão* apalpam, de vez

em quando, uma peça ou outra, observando-lhe o movimento com atenção. Parei um instante a admirar essas maravilhas da mecânica.

A oficina de Impressão é constituída de três secções : das máquinas de impressão vertical (26); das plani-impressoras (49); e das rotativas (9).

O chefe é o Sr. Manoel Valentim Domingues, que tem como assistentes técnicos o Sr. Bruno Pasqualini, encarregado das plani-impressoras e verticais que tem, por sua vez, o Sr. Álvaro de Araujo e Julio Padilha de Lima, como assistentes, e o Sr. Djalma José Marques, das rotativas, onde é auxiliado por um assistente técnico, Sr. Joaquim de Carvalho.

O Sr. Pasqualini foi-me guia prestimoso naquele imenso labirinto, que se complica até ao teto.

Minha atenção voltou-se de repente para uma coisa estranha : um caminho aéreo, miniatura do bondinho do Pão de Assucar, a percorrer as alturas, num percurso de quasi meio quilómetro. A um trilho, prêso a suportes fixados nos topos das colunas centrais de duas alas do edificio, dependura-se uma cadeira de ferro, que leva à frente pequena prancha. Um operário, refestelado displicentemente na cadeira, dirige aquela *trebisonda*, que transporta papel de um extremo a outro da casa. A carga é descarregada facilmente das alturas. Basta que o operário comprima com o pé um dispositivo semelhante ao da campainha manobrada pelos motorneiros de bonde e ela vem descendo suavemente, como si num paraquedas, mas em linha reta, a prumo.

O carrinho trabalha o dia inteiro e faz o serviço de seis homens ! Chega a carregar bobinas de 420 quilos !

Além das máquinas de impressão de que já dispunha a I.N. vieram muitas outras das 19 oficinas que lhe foram incorporadas. Entre estas encontra-se um conjunto de máquinas automáticas de grande rapidez, dando produção que chega a atingir de 3 a 4 mil exemplares por hora !

Vi um conjunto das famosas plani-impressoras Winkler de dupla rotação.

As grandes rotativas se acham numa sala especial. A "Marechal Hermes" pega de uma vez 4 bobinas de 68 centímetros de largura e imprime um conjunto de 64 páginas do *Diário Oficial*. A "Vicente Rão", que recebe bobinas de várias larguras até 1m,36, imprime 128 páginas do órgão oficial !

Além dessas máquinas ha outras menores com dispositivo que permite acumular cadernos de 4 folhas. São ao todo cinco.

O UNIFORME

Instalada a Imprensa na casa nova, todo o seu pessoal passou a usar uniforme. Cada oficina tem, assim, um distintivo. Mas não é só o operariado que o usa : todos os chefes e até mesmo o diretor.

REVISÃO

Antes da inauguração da nova sede, tinha a Imprensa Nacional duas Revisões : uma da Indústria de Jornal e outra da Indústria do Livro. Unificadas todas as secções da casa, passou também a existir uma única Revisão. Seus serviços estão distribuídos por três turmas, com cinco horas de trabalho cada uma.

A média de leitura para cada mesa (revisora e conferente) é de 2 mil linhas, conforme m'o demonstrou o Chefe, Sr. Platão de Azambuja. A Revisão é constituída de cem revisores.

Tive ensejo de encontrar ainda na Revisão velhos funcionários de quasi trinta anos de casa.

Durante muito tempo foram os revisores e conferentes pagos pela verba material, que, quando *estourava*, deixava centenas de funcionários da casa sem vintém, até que fôsse votado o necessário crédito suplementar. Mas um dia um Ministro da Fazenda resolveu combater recursos dessa natureza. Foi o Sr. Pandiá Calógeras. Não havia dinheiro para pagar ao pessoal da Revisão até o fim do ano. Resolveu-se a dificuldade da forma simples : foram taxados em 27% os vencimentos dos revisores.

Ovo de Colombo, colombíssimo !

Mais tarde, porém, o Sr. Vicente Piragibe, quando deputado, apresentou à Câmara um projeto mandando-lhes restituir os 27%. Foi um alêgrão ! Os revisores correram ao Tesouro e receberam seu rico dinheirinho, de que haviam sido iniquamente descontados, numa conta de chegar.

Pagaram-lhes tudo em níqueis, mas pagaram.

Hoje, como se sabe, não ha mais êsse absurdo de se pagar pessoal com a verba material.

Relatando êsse pequeno episódio da vida da Imprensa Nacional, quiz mostrar a distância em que hoje nos achamos dos processos administrativos daquela época.

Francamente, si se fizesse hoje um livro dos costumes desse tempo, como Charles Dickens com seu *Little Dorritt*, ao focalizar certa época da vida administrativa da Inglaterra, de certo que se teria material abundante e rico, riquíssimo, de pitoresco.

Um funcionário exemplar

Evocando esse tempo, vem-me à lembrança a figura do velho e saudoso chefe da Revisão, Alfredo Francisco Coulomb, que nas suas funções fôra inexcédível em zelo e competência.

Tinha êle verdadeiro horror a um *pastel*, que arrancava da prova como si fôsse virus contagioso e perigosíssimo. Mas não queria que o mal proliferasse, com sacrifício da boa fama da Revisão. E, vai daí, exceder-se em zelos e cuidados especiais, relendo todas as provas que já haviam passado pelas doze ou treze mesas da secção.

Quando apanhava um *gato*, o velho Coulomb sofria intensamente! Mandava buscar o original e, com um geitinho especial, ia à mesa do revisor, mostrando-lhe a distração, que considerava verdadeiro pecado, quasi um crime.

A moderna aparelhagem da Imprensa Nacional é mais uma comprovação do propósito do Governo do Sr. Getúlio Vargas, de enriquecer, melhorando-os sempre, os serviços industriais do Estado, que estão sendo dotados de sadio elemento humano e adequados recursos materiais, visando, com essas providências, conseguir produção capaz de satisfazer aos reclamos da administração.

Quanto, particularmente, à Imprensa Nacional, que se havia estagnado numa organização anacrônica, essa orientação do atual Governo se fez sentir, com o concurso do DASP, de forma decisiva, o que permitiu, pode dizer-se, a formação de novo centro industrial do Estado, sem igual, na sua especialização, em toda a America do Sul.

Concomitantemente, o Presidente Vargas baixou um decreto de inegavel alcance prático, mandando incorporar à Imprensa Nacional cerca de vinte tipografias, que, funcionando junto a várias repartições, vinham concorrendo para aumento sensível das despesas públicas e evidente dispersão de atividades, à falta de unidade de direcção.

Mas por outro lado, essas mesmas tipografias, só em existir, atestavam, sem dúvida, a falta de eficiência da Imprensa Nacional...

OS CONCEITOS EMITIDOS EM TRABALHOS ASSINADOS SÃO DE RESPONSABILIDADE EXCLUSIVA DE SEUS AUTORES. A PUBLICAÇÃO DE TAIS TRABALHOS NESTA REVISTA É FEITA UNICAMENTE COM O OBJETIVO DE FACILITAR O CONHECIMENTO DE ASSUNTOS RELACIONADOS COM A ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA.